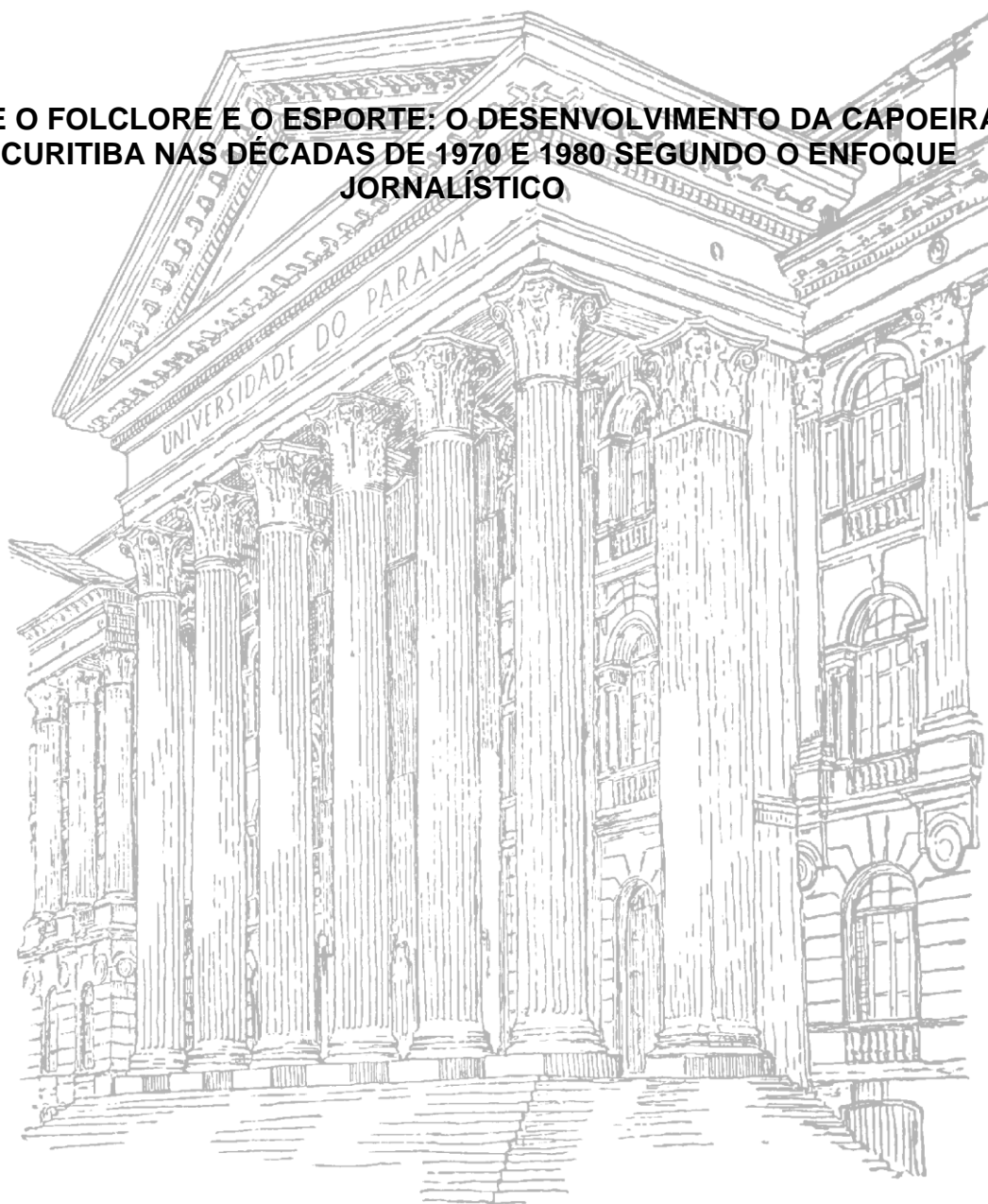


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FELIPPE FATUCH DE MENEZES

**ENTRE O FOLCLORE E O ESPORTE: O DESENVOLVIMENTO DA CAPOEIRA
EM CURITIBA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980 SEGUNDO O ENFOQUE
JORNALÍSTICO**



CURITIBA
2018

FELIPPE FATUCH DE MENEZES

**ENTRE O FOLCLORE E O ESPORTE: O DESENVOLVIMENTO DA CAPOEIRA
EM CURITIBA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980 SEGUNDO O ENFOQUE
JORNALÍSTICO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no curso de graduação em Educação Física - Licenciatura, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo João Sonoda-Nunes

CURITIBA
2018

Ao meu pai, a minha referência de vida, sempre me instigando a ser um ser humano com valores e com caráter

AGRADECIMENTOS

A Olorum por ter me dado à dádiva da vida, a Pai Ogum por sempre estar ao meu lado e nunca ter me desamparado.

Agradeço a todos os meus professores e professoras, desde a Educação Infantil até a Graduação, sem vocês eu não chegaria até aqui.

A minha família por sempre estar ao meu lado nos caminhos da vida. A minha namorada por sempre estar ao meu lado, nas horas boas e difíceis sempre me incentivando e caminhando de mãos dadas comigo.

Aos amigos e colegas por compartilharem a grande caminhada da vida juntos.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Ricardo João Sonoda Nunes, pela paciência, disponibilidade, exatidão e zelo ao compartilhar seus conhecimentos e pela compreensão e pela humanidade que tem.

RESUMO

A capoeira pode ser compreendida em múltiplas dimensões, inserida dentro do campo da cultura afro-brasileira. Ela está presente em todos os momentos dos períodos da história brasileira, em especial, nas cidades que são referências nesta prática corporal. A partir de meados do século XX ela se espalha e é difundida pelo Brasil. Chega em Curitiba na década de 1970, e é neste contexto histórico que este estudo tem como objetivos verificar como se constituiu a percepção jornalística em relação ao desenvolvimento da capoeira em Curitiba (com ênfase aos aspectos folclóricos e esportivos) nas décadas de 1970 e 1980; pesquisar os jornais paranaenses sobre o desenvolvimento da capoeira na década de 1970 e 1980; relatar como a capoeira era percebida nas matérias jornalísticas das décadas de 70 e 80 do século passado; identificar os principais tópicos expostos pelos periódicos paranaenses em relação a compreensão sobre a capoeira; verificar a presença dos aspectos folclóricos e esportivos da capoeira nos periódicos. Foi utilizada como procedimento metodológico a pesquisa documental, tendo-se realizada análise qualitativa das fontes após pesquisa foi realizada por meio da Hemeroteca Digital Brasileira pertencente a Biblioteca Nacional. Foi digitada a palavra “capoeira” no campo de pesquisa do site e posteriormente foram analisadas as ocorrências presentes nos jornais pesquisados. E a partir da pesquisa foi possível descobrir o predomínio de reportagens referentes a questão cultural e folclórica em ambos os períodos, além de analisar os aspectos destas compreensões enfatizadas pelos jornais.

Palavras-chave: Capoeira. Brasil. Curitiba. Jornais paranaenses. Décadas de 1970 e 1980.

ABSTRACT

The capoeira can be understood in multiple dimensions, inserted within the field of Afro-Brazilian culture. Its present at all times of the periods of Brazilian history, especially in the cities that are references in this corporal practice. From the middle of the twentieth century, it spreads, and it is diffused throughout Brazil. It arrived in Curitiba in the 1970's and in this context has as objective to verify how the journalistic perception was constituted in relation to the development of capoeira in Curitiba (with emphasis on the folkloric and sportive aspects) in the decades of 1970 and 1980; to research the Paraná newspapers on the development of capoeira in the 1970s and 1980s; to report how capoeira was perceived in the journalistic matters of the 70s and 80s of the last century; identify the main topics exposed by the Paraná periodicals in relation to the understanding of capoeira; to verify the presence of the folkloric and sportive aspects of capoeira in the periodicals. Documentary research was used as methodological procedure, and a qualitative analysis of the sources was carried out after research was carried out through the Hemeroteca Brazilian Digital Library which belongs to the National Library. The Word 'capoeira' was typed in the site's search field and after on the occurrences in the newspapers were analyzed. And from the research it was possible to discover the predominance of cultural and folk issues in both periods, besides analyzing the aspects of these understandings emphasized by the newspapers.

Keywords: Capoeira. Brazil. Curitiba. Paranaenses newspapers. The 1970's and the 1980's.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Procedimentos Metodológicos.....	14
2 A TRAJETÓRIA DA CAPOEIRA.....	16
2.1 A trajetória da capoeira em Curitiba.....	27
3 A CAPOEIRA NOS JORNAIS CURITIBANOS.....	31
3.1 Diário da Tarde.....	34
3.2 Diário do Paraná.....	34
3.3 Correio de Notícias.....	35
3.4 Análise dos dados.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira, multifacetada, ou seja, pode ser caracterizada como jogo, luta, dança, música, entre outros entendimentos. Seus praticantes podem enfatizar uma determinada esfera da capoeira, por exemplo: a parte da musicalidade, ou esportiva, dentre outras. Todavia, seja fazível priorizar uma determinada esfera, não é possível que esse aspecto multifacetado seja deixado de lado. Atualmente são verificadas, em todas as práticas de capoeira essas múltiplas dimensões, as quais se inter-relacionam, ainda que o enfoque dado se diferencie de acordo com a peculiaridade de cada grupo, mestre ou vertente (IPHAN, 2007).

A origem da capoeira possui diferentes vertentes teóricas. Entretanto, dentre essas diversas concepções, a mais aceita e consolidada pelos estudiosos e pesquisadores da área é a de que ela é uma invenção dos negros africanos e de seus descendentes em solo brasileiro. “No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros...” (REGO, 1968, p. 31). Por outro lado, vale a menção de que há estudos recentes discorrendo sobre a influência dos índios brasileiros na formação desta prática corporal. De acordo com Lussac (2015) a capoeira teve influência indígena brasileira, a qual contribuiu para a formação da arte-luta. Sendo assim, não é possível negligenciar as contribuições de origem dos povos indígenas, assim como da cultura europeia, portuguesa, na colaboração do desenvolvimento da capoeira, exemplo disso é o pandeiro, instrumento de percussão utilizado na capoeira. “O pandeiro provavelmente se inseriu na roda de batuques dos negros espontaneamente, assim como vários outros elementos trazidos pelos brancos que foram incorporados à sua cultura” (CABRAL, 2010, p. 18).

Ao abordarmos sobre os primeiros locais em que foi verificada a prática da capoeira, os registros e relatos historiográficos mostram que as regiões do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco foram as precursoras na prática da capoeiragem¹, sendo estes os polos de maior destaque e expressão. Segundo o IPHAN (2007) “cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Recife receberam um grande contingente de africanos escravizados e se tornaram verdadeiros ‘santuários’ da capoeira

¹ Segundo o Dicionário Priberam (2018) capoeiragem significa arte marcial ou jogo atlético, com origem em crioulos brasileiros, geralmente com música.

antiga.” Por seguinte podemos dizer que o desenvolvimento da capoeira ocorreu, predominantemente, nestes centros urbanos, os quais tinham em comum o fato de serem cidades portuárias.

Relatos apontam sobre a capoeira desde o Brasil Colônia, período no qual a sua prática era coibida, assim como ocorreu no Império. De acordo com o IPHAN (2007, apud CAVALCANTI, 2004) “O mais antigo registro referente à capoeira foi encontrado pelo jornalista Nireu Cavalcanti. O documento data de 1789 e se refere à libertação de um escravo chamado Adão, preso nas ruas do Rio de Janeiro devido à prática da capoeiragem.” No século XIX até o início da década de 1930, a capoeira tinha uma conotação pejorativa perante a sociedade. “Durante a maior parte do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, a capoeira sempre esteve associada ao mundo do crime. Poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira” (OLIVEIRA; LEAL, 2009). Todavia, somente um ano após a instauração da República no Brasil que a capoeira foi tipificada como crime no Código Penal² com o decreto número 847, de 11 de outubro de 1890. Este período foi de grande tensão, pois tal manifestação corporal foi fortemente reprimida, principalmente na então capital federal, Rio de Janeiro. O governo republicano agiu fortemente no intuito de combater e repreender a capoeira. Segundo Cordeiro e Carvalho (2013, p.76):

A cidade do Rio de Janeiro, como capital do Brasil, não poderia estar a mercê do crime e da delinquência dos capoeiristas. De tal modo, o próprio chefe de governo, Marechal Deodoro da Fonseca incumbiu às forças militares de eliminar a capoeira do local.

“A partir da década de 1930 a capoeira experimentou um outro significado, passaria de crime previsto no Código Penal para uma luta considerada genuinamente brasileira” (OLIVEIRA; LEAL, 2009). Foi na Era Vargas que a arte-luta foi descriminalizada e ganhou status de prática corporal brasileira. “Em 1932, Getúlio Vargas libera uma série de manifestações populares, inclusive a capoeira, ato político que tinha por objetivo exercer controle sobre a população marginalizada, determinando regras e normas para sua prática” (AREIAS, 1984, p. 62). Grande contribuidor para esta mudança na capoeira foi o soteropolitano, Manoel dos Reis

² Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, Decreto 847, de 11 de outubro de 1890. Código Penal na época, aprovado um ano depois da instauração da República no Brasil.

Machado, conhecido por Mestre Bimba. Ele transformou a capoeira em vários sentidos, passando a realizar sua capoeira em recinto fechado, e não mais nas ruas, inseriu normas e métodos na sua prática. Segundo IPHAN (2007):

É justamente com esta tradição que Mestre Bimba buscará uma ruptura, inventando a capoeira regional baiana. Segundo ele, a capoeira deveria se transformar para se inserir na sociedade. Estas transformações deveriam abandonar toda e qualquer vinculação da capoeira com a vida malandra, enfatizando os seus aspectos desportivos e marciais. Mestre Bimba tenta, portanto, transformar a capoeira numa ginástica genuinamente nacional. A capoeira regional nasce tentando buscar um rompimento com a imagem do capoeira vadio e desordeiro em nome do capoeira como um desportista saudável e disciplinado. A construção de uma academia, reconhecida oficialmente pelo Estado, em que a prática e o treino da capoeira são realizados, foi a forma encontrada por Mestre Bimba para levar esta tradição para além dos bairros populares. Deste modo, a capoeira regional começa a atrair o interesse cada vez maior de um público diversificado, de diversas camadas sociais, com destaque para estudantes universitários. Este movimento de Mestre Bimba vai, de certo modo, ao encontro do projeto de construção de uma identidade brasileira, que desembocará no Estado Novo.

Nesta época a capoeira baiana pode ser caracterizada pela visibilidade que adquire, enquanto a capoeira carioca já estava decadente devido à forte repressão sofrida desde a instauração da República. Na Bahia surgem dois segmentos na capoeira, Mestre Bimba cria a capoeira regional, enquanto há uma organização da Capoeira Angola. “No século XX, o referencial da capoeira se volta para a Bahia, onde na década de 30 foi criada a chamada Capoeira Regional e logo em seguida, como resposta a ela, se organiza a capoeira Angola” (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

A Capoeira Angola tem como seu principal representante, o baiano Vicente Ferreira Pastinha, conhecido na capoeira como Mestre Pastinha. Ele também enxergava a necessidade de mudança na capoeira. “Neste sentido, tal como Mestre Bimba, Mestre Pastinha pautará sua vida tentando achar caminhos oficiais que permitissem retirar a capoeira do gueto em que ela se encontrava” (IPHAN, 2007, p. 62). Outros mestres de destaque na Capoeira Angola são os mestres: Waldemar, Caiçara, Canjiquinha e Cobrinha Verde (IPHAN, 2007).

Estes acontecimentos proporcionaram a configuração mais recente da capoeira. Nas décadas posteriores a capoeira alça patamares maiores e passa a ser ensinada nas diversas regiões do Brasil e por seguinte ela percorre o mundo. De acordo com o IPHAN (2007):

Entre os anos de 30 e 80 do século passado, a capoeira viveu mudanças que fundamentaram a capoeira contemporânea. As escolas de capoeira baiana, principalmente as vertentes da regional de Mestre Bimba e a angola de Mestre Pastinha, expandem-se alcançando o Brasil e o mundo. Destas sementes nascerão diversos grupos, cuja filiação aos dois estilos nem sempre será explícita, mas talvez seja certo dizer que implicitamente a capoeira, tal como hoje ela se apresenta, deve em muito às duas escolas.

A partir daí cada vez mais ela ganha reconhecimento e passa a ser valorizada pela e na sociedade. No ano de 2008 ela é registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e em 2014 a Roda de Capoeira é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (IPHAN, 2014).

Devido a este processo de expansão e globalização da capoeira, ela passa a ser ensinada ao longo do Brasil e do mundo. Dentro deste contexto que ela chega a Curitiba com a vinda dos primeiros capoeiristas a capital paranaense.

Os primeiros relatos da presença da capoeira em Curitiba datam do final da década de 1960 e início da década de 1970 com a figura dos primeiros capoeiristas a ensinar esta arte/luta/jogo. Em entrevista concedida a Porto e colaboradores (2010), Mestre Pernambuco cita a presença de Eurípedes, mais conhecido como Lampião, logo no começo da década de 1970 na região central da capital paranaense ministrando aulas de capoeira. Ainda, segundo mestre Pernambuco, Lampião pouco tempo depois desapareceu.

O mestre Sergipe, chega em Curitiba em dezembro de 1973 (PORTO et al., 2010). Em entrevista com o mesmo, relata que ao chegar na cidade já começou imediatamente a ministrar aulas de capoeira para os alunos que treinavam com Lampião. Outro capoeirista importante para a consolidação da capoeira em Curitiba foi Antonio Carlos de Menezes, Mestre Burguês. Segundo Porto e colaboradores (2010), Mestre Burguês afirma em entrevista que se mudou para Curitiba em 1975 por meio de um amigo que já estava na cidade.

Ao verificar os depoimentos dos mestres pioneiros neste livro é possível constatar que a localidade central da capital paranaense foi o palco das primeiras práticas de capoeira, a qual foi realizada em academias de artes-marciais como o Karatê e o Judô, por exemplo. (PORTO et al., 2010) Ambos os Mestres Sergipe e Burguês afirmam nas entrevistas ao livro que até a consolidação da capoeira em Curitiba foi necessário muito trabalho e surgiram muitas dificuldades. “Os primeiros tempos não são nada fáceis, sendo necessário um esforço significativo para que a arte/jogo/luta fosse conhecida e reconhecida pelos curitibanos.” (PORTO et al.,

2010, p. 101). É a partir daí que a capoeira começa a se desenvolver na cidade, ganhando praticantes e moldando o cenário local.

Na década de 1980, já um pouco mais difundida, as academias de capoeira e as ruas são cenário de conflitos corporais e brigas entre integrantes de academias rivais, tudo isso com o intuito de buscar a hegemonia da capoeira na cidade e adeptos para a sua própria academia (PORTO et. al., 2010).

Nesta época a capoeira, já estava sendo difundida, sendo praticada em vários locais, começa a ter maior visibilidade e vai ganhando espaços no cenário da sociedade local. Iniciou então o seu ensino em clubes, quartéis militares e comunidades, entretanto, são nas academias que predominam a prática da capoeira com aulas lotadas e muitos praticantes nestes espaços (PORTO et, al., 2010).

Na década de 1990 ocorre uma transformação na capoeira curitibana com a criação e a vinda de muitos grupos para a cidade, ela passa a ser ensinada em diversos espaços da capital paranaense. (PORTO *et al.*, 2010).

Os anos 2000 e 2010 marcam a forte presença da capoeira em todos as regiões de Curitiba, em diferenciados espaços, tais como escolas públicas e privadas, projetos sociais, associação de moradores, academias entre outros (PORTO *et. al.*, 2010). Conforme o mesmo autor em pesquisa realizada no ano de 2010 sobre a distribuição dos espaços da capoeira na cidade, destaca que são as escolas os locais em que há a maior presença da prática da capoeira.

Sabe-se que o processo de implementação da capoeira na capital paranaense nas décadas de 1970 e 1980 foram de muito esforço e dedicação dos mestres que na cidade estavam. A partir dos relatos, presentes na obra publicada por Porto e colaboradores (2010), dos mestres mais antigos presentes e responsáveis pela implementação da capoeira em Curitiba verifica-se que eles passaram relataram que se teve muito trabalho, devido às adversidades que a implementação da capoeira sofria na cidade. Relações sociais formam e moldam as cidades e localidades de acordo com a cultura delas e cultura vinda de outras partes. A partir desse contexto sintetizamos a problematização dessa pesquisa na seguinte questão: como se constituiu a percepção jornalística em relação ao desenvolvimento da capoeira em Curitiba (com ênfase aos aspectos folclóricos e esportivos) nas décadas de 1970 e 1980?

Considerando tal problematização ora registrada, destacamos que o objetivo geral da pesquisa é verificar como se constitui a percepção jornalística em relação

ao desenvolvimento da capoeira em Curitiba (com ênfase aos aspectos folclóricos e esportivos) nas décadas de 1970 e 1980.

Têm-se como objetivos específicos: a) pesquisar os jornais paranaenses sobre o desenvolvimento da capoeira na década de 1970 e 1980; b) relatar como a capoeira era percebida nas matérias jornalísticas das décadas de 70 e 80 do século passado; c) identificar os principais tópicos expostos pelos periódicos paranaenses em relação a compreensão sobre a capoeira; d) verificar a presença dos aspectos folclóricos e esportivos da capoeira nos periódicos.

No que tange a justificativa para a realização desta pesquisa, primeiramente o motivo motriz é a minha relação com esta arte-luta. Sou capoeirista, convivo com a capoeira desde criança, pois meu pai é mestre de capoeira. Frequento desde muito novo a academia do meu pai, cuja principal atividade é a capoeira. Atualmente trabalho coordenando essa academia. Para mim, esta prática corporal é o motivo de cursar Educação Física e definição dessa temática para desenvolver este trabalho.

Existem inúmeras pesquisas acadêmicas acerca da capoeira na perspectiva da área das ciências humanas. Porém foram produzidos muito poucos estudos sobre a capoeira em Curitiba. Ao pesquisar sobre este tema para a realização da minha monografia, foi difícil de encontrar publicações relacionadas a este tema. Um estudo de grande contribuição foi o livro “Curitiba entra na Roda: presença(s) e memória(s) da capoeira na capital paranaense” de Liliana Porto, Miguel Novicki, Magda Luiza Mascarello e Ariana Guides (2010). Percebi a necessidade de trabalhos que dimensionassem a perspectiva de como a capoeira foi compreendida, o entendimento da sua prática em Curitiba. Consequentemente com mais pesquisas relacionadas a este tema, maior a possibilidade de assuntos e temáticas relacionadas a capoeira curitibana serem desenvolvidas no campo acadêmico.

Realizar uma pesquisa sobre a capoeira na cidade de Curitiba engloba percorrer sobre uma comunidade inteira que está inserida neste contexto. Pesquisar sobre a Capoeira curitibana possibilita identificar e reconhecer os sujeitos envolvidos neste processo de desenvolvimento da capoeira na capital paranaense. Por seguinte acredito ser relevante realizar um trabalho nesta perspectiva, primeiramente, para produzir referências sobre esta temática contribuindo para o desenvolvimento do debate das relações da capoeira na localidade de Curitiba, Paraná e, também, possibilitará compreender em partes sobre o processo de desenvolvimento da capoeira na capital paranaense e trazendo elementos, os quais auxiliam na busca

da compreensão das relações sociais produzidas e estabelecidas oriundas da inserção da capoeira em Curitiba.

Sobre a organização do trabalho, o mesmo engloba quatro capítulos principais, a saber: no primeiro (Introdução) é apresentada a problematização, os objetivos e a justificativa. Na sequência desse mesmo capítulo, os “Procedimentos Metodológicos” com um subcapítulo próprio.

O capítulo 2 (A Trajetória da Capoeira) faz uma breve abordagem sobre o desenvolvimento da Capoeira no Brasil e no suas repercussões mundo afora, sendo complementada com um subcapítulo sobre a trajetória da capoeira em Curitiba.

Na terceira seção (A Capoeira nos jornais curitibanos) realizamos a apresentação das matérias jornalísticas, organizando os dados em subcapítulos que correspondem respectivamente aos periódicos consultados (3.1 Diário da Tarde; 3.2 Diário do Paraná; 3.3 Correio de Notícias). Por fim, realizamos no último subcapítulo uma análise dos dados identificados.

No último capítulo realizamos nossas considerações finais, apresentamos algumas reflexões sobre o tema e indicamos possibilidades de outros estudos.

1.1 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa tem um enfoque histórico-sociológico. Foi utilizada como procedimento metodológico a pesquisa documental, tendo-se realizada análise qualitativa das fontes, elaborando uma apresentação, interpretação e discussão das informações citadas ao longo deste trabalho.

Diversas fontes documentais foram utilizadas para que a realização desta pesquisa tivesse capacidade de respaldar os objetivos e a problematização aqui previamente expostos. No tocante a tais fontes este trabalho utilizou uma pesquisa de periódicos do estado do Paraná catalogados no site da Biblioteca Nacional Digital Brasil³, a Hemeroteca Digital.

O recorte de tempo utilizado neste trabalho será a partir de 1970 até 1989. Justificamos o primeiro em função dos relatos mestres pioneiros sinalizarem tal período para a ocorrência dos primeiros registros sobre o desenvolvimento da Capoeira em Curitiba. Dada a quantidade significativa de matérias sobre Capoeira

³ O site da Biblioteca Nacional Digital Brasil é: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

identificadas e devido ao prazo exíguo para realizar o presente trabalho, optamos por reduzir o período de pesquisa para 2 décadas, iniciando em 1970.

O primeiro passo para a realização foi selecionar os periódicos do estado do Paraná por meio da Hemeroteca Digital. Após registrarmos o período correspondente aos anos de 1970 a 1989, a palavra selecionada para a pesquisa foi: “capoeira”.

Ao adentrar no campo de pesquisa do site referente ao período foi selecionado os anos de 1970 a 1979, qual identificaram os seguintes jornais: a) *Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR) – 1955 a 1983* em que apresentaram 239 ocorrências com a palavra pesquisada; b) *Diário da Tarde (PR) – 1899 a 1983* em que 83 ocorrências são registradas; c) *O Dia (PR) – 1923 a 1961* e *A Divulgação (PR) – 1853 a 1975* não registram nenhuma ocorrência com a palavra pesquisada.

Numa segunda sequência foi investigada a data de 1980 a 1989, com a mesma palavra: “capoeira”, e os seguintes jornais foram exibidos: a) *Correio de Notícias (PR) – 1980 a 1989* com 234 ocorrências; b) *Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR) – 1955 a 1983* em que aparecem 144 ocorrências; c) *Diário Tarde (PR) – 1899 a 1983*, com 63 ocorrências; d) *Nicolau (PR) – 1988 – 1997* que não retornou ocorrência para a palavra pesquisada.

Posteriormente, entre os jornais que retornaram ocorrência para a palavra “Capoeira” foi procedida a análise da manchete (título) para avaliar a relação de sentido com o trabalho, visto que muitas das ocorrências compreendiam a palavra “Capoeira” com significado diverso ao pretendido para a pesquisa.

Por fim, entre as ocorrências selecionadas após a análise evidenciaram-se os aspectos folclóricos e esportivos vinculados à matéria publicada, de forma a permitir uma análise sobre a compreensão jornalísticas dos periódicos selecionados.

2 A TRAJETÓRIA DA CAPOEIRA

Definir a capoeira não é uma tarefa simples, devido à complexidade de características e elementos que a envolvem. Ora ela pode ser uma luta, ora uma dança ou um jogo, a sua prática requer uma musicalidade própria. Justamente por estes vários elementos que não se pode classificar esta prática em uma definição em detrimento de outra. Segundo o IPHAN (2007, p. 11):

A capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo.

A história da capoeira rende até hoje diversas opiniões a cerca da sua origem, tanto entre os capoeiristas, como no meio acadêmico com várias linhas de estudo. Segundo Pires (1996) há quatro linhas explicativas para a origem da capoeira. Para uma corrente de pesquisadores a capoeira tem no continente africano a sua gênese. Numa segunda perspectiva de estudo defende-se a ideia de que surgiu no Brasil, alegando não ser possível a comprovação da existência da capoeira na África. A terceira linha explicativa aponta como indígena a origem da capoeira. E a quarta explanação, trás uma nova concepção na busca de se entender a origem da capoeira, relata ser afro-brasileira, sendo os africanos os inventores em solo brasileiro.

Uma das primeiras obras de destaque sobre esta temática é a de Rego (1968) em que defende a capoeira como uma invenção ocorrida no Brasil pelos negros africanos e seus descendentes. Seguindo esta mesma linhagem de estudo, Reis (1997, p.19) afirma: “A capoeira é uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade, nos tempos da escravidão”. Para outros pesquisadores a capoeira seria uma prática inventada pelos negros na África, cuja finalidade era diferente, sendo de dança ritualística no continente africano (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002). Segundo Marinho (1956) a capoeira foi trazida ao Brasil pelos negros africanos bantos, especialmente da região de Angola.

A discussão sobre sua origem, não somente perpassa sobre a questão de ser uma prática afro-brasileira, mas também há alguns estudos sobre a influência indígena na origem da capoeira. Para alguns autores a capoeira tem em sua gênese a contribuição indígena, devido ao fato de que a etimologia do nome é oriunda da língua Guarany (Pires, 1996). Alguns autores mencionam depoimentos de portugueses ainda na era colonial sobre índios jogando capoeira. Segundo Lussac (2015, p. 268):

De acordo com o mestre de Capoeira Gladson Silva, no livro do padre José de Anchieta, Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, impressa em Coimbra em 1595 - a segunda obra do padre e a primeira gramática contendo os fundamentos da língua tupy, também sendo a segunda obra dedicada a línguas indígenas na América - há uma citação que "os índios tupi-guaranis divertiam-se jogando capoeira". Mestre Gladson também afirma em sua obra que "o navegador português Martim Afonso de Souza teria observado tribos jogando capoeira".

Outro ponto que merece destaque ao abordar os aspectos da gênese da capoeira é a inserção de elementos culturais do homem branco europeu na formação cultural da capoeira. É possível verificar nomes de golpes e toques de berimbau com nomes de santos católicos. Segundo Columá e Chaves (2013, p.175) "Alguns nomes dos seus golpes foram emprestados do catolicismo, como benção e cruz. Alguns toques executados pelo berimbau possuem o nome de santos católicos...".

O fato é que nenhuma teoria é consolidada como a verdadeira, sendo complexo precisar uma origem a cerca da capoeira. Segundo IPHAN (2007, p.12):

A dificuldade em estabelecer as origens da capoeira nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos pode ser explicada devido a sua diversidade. Manifestação intimamente ligada às culturas locais, ganhou contornos específicos de acordo com os contextos em que se desenvolveu. A capoeira, dessa forma, é reconhecida como fenômeno cultural urbano, cuja história permeia o passado e o presente.

A capoeira tem nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife seus principais polos de desenvolvimento, ambas as três portuárias, receberam um grande contingente de escravos (IPHAN, 2007). As pesquisas e estudos sobre a história da capoeira concentram-se nestas cidades, com muitas informações e documentos. Cada um destes locais tem características culturais próprias

ocasionando com que a capoeira destes polos ganhasse uma identidade singular, contribuindo para a rica identidade e formação da capoeira.

De acordo com o IPHAN (2007) o registro mais antigo sobre capoeira data de 1789, ainda no Brasil colonial, descoberto pelo jornalista Nireu Cavalcanti. Tal documento relata sobre um escravo denominado Adão, o qual foi liberto após ser preso nas ruas do Rio de Janeiro devido à prática da capoeiragem.

Entretanto, o século XIX é o período em que a capoeira carioca mais foi estudada. Para Pires (1996) ao pesquisar sobre a capoeira no Rio de Janeiro do século XIX, ele afirma que a capoeira se tornou um movimento de resistência dos escravos urbanos, sofrendo forte repressão por parte das instituições policiais da época. Para o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares, especialista e um dos principais pesquisadores da capoeira carioca, a primeira metade do século XIX é caracterizada como uma 'capoeira escrava'. Essa definição foi denominada pelo próprio historiador (SOARES, 2001) no âmbito em que a capoeiragem ser uma manifestação indócil, vincula com os intensos elos escravos, atraindo não somente os negros escravos, mas também todos aqueles que se encontravam numa condição periférica no que se refere ao sentido social e jurídico. A segunda metade do século XIX é marcada pela capacidade da capoeira em permear as camadas sociais, sendo ela praticada por militares, cultos e até mesmo entre aristocratas. Todavia, o que marca esta época são as maltas, grupos de capoeiristas, que disputavam as regiões da então capital do Império (IPHAN, 2007).

As maltas tiveram uma relevante importância na história do Rio de Janeiro, pois influenciaram em vários aspectos as relações sociais neste período em destaque.

Pires (1996, p. 104) destaca que as maltas atuaram em várias esferas: “[...] participações na capangagem política e conflitos inerentes à sociedade de sua época, como conflitos de nacionalidade, raciais, de moradia, brigas de rua e conflitos específicos da capoeiragem”. Para o historiador Luís Sérgio Dias as maltas simbolizavam uma ameaça para a sociedade carioca da época, sendo associadas a uma conotação de marginalidade e criminalidade (IPHAN, 2007). Sobre as maltas, Castro (2007, p.139) relata: “fundaram o Partido Capoeira e, antes de serem definitivamente perseguidos, dividiram a cidade em territórios de duas grandes maltas: Nagoas e Guaiamuns”.

Ao estudar sobre a capoeira no Rio de Janeiro, pode-se dizer que ela foi coibida ao longo da história, no Brasil Colônia e no Brasil Império. Entretanto, foi a partir da queda da Monarquia e instauração da República em 1889 que a capoeira foi fortemente repreendida e seus praticantes perseguidos, assim, pela primeira vez na história, a capoeira foi tipificada como crime através do Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, decreto 847 de 11 de outubro de 1906 (IPHAN, 2007). Assim dispôs a lei:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal:
Pena: de prisão cellualar de dois meses a seis meses⁴.

Este período em questão foi de repressão policial, caracterizado por extrema violência para com a capoeiragem e os capoeiristas. Houve vários embates entre as maltas de capoeiristas e os agentes policiais (IPHAN, 2007). Em oposição a esta perseguição sofrida, houve um movimento nacionalista o qual compreendia a capoeira como uma ginástica nacional (IPHAN, 2007).

Como consequência da perseguição a qual a capoeira sofria, houve quase um processo de desaparecimento dela no Rio de Janeiro do início do século XX. Apesar disso, o paulista Agenor Moreira Sampaio, conhecido por mestre Sinhozinho, manteve uma academia no bairro de Ipanema no período entre os anos de 1920 e 1960 aproximadamente (IPHAN, 2007). A capoeira de mestre Sinhozinho consistia num sentido mais marcial e ginástico, sem a presença de instrumentos e a parte musical (IPHAN, 2007).

A História da Bahia não pode ser contada sem falar de uma de suas principais manifestações: a capoeira. As pesquisas e estudos da capoeira baiana se concentraram em investigar o período pós-monarquia, diferentemente da capoeira carioca que tem uma vasta literatura do século XIX. Contudo, é importante destacar que, aos poucos, o período histórico anterior à República vem sendo pesquisado (IPHAN, 2007).

⁴ BARBIEIRI, Cesar. Um jeito brasileiro de aprender a ser. DEFER/GDF. Centro de Informação e Documentação Sobre a Capoeira (CIDOCA/DF): Brasília, 1993. p. 117.

Uma das primeiras contribuições para os estudos desta área foi do baiano Manuel Querino, intelectual afro-brasileiro, ao registrar vários elementos da arte-luta na Bahia. Outro ponto de destaque nos seus relatos é o envolvimento dos capoeiras na capangagem eleitoral e na Guerra do Paraguai, assim como ocorreu com os capoeiristas cariocas. Ao abordar sobre a origem desta prática corporal, Manuel Querino define como 'Angola' (IPHAN, 2007). Outra importante fonte é Antônio Vianna, pois, assim como Querino, relata vários dados e características da capoeiragem. Vianna aborda ainda em seus registros e crônicas a vida cotidiana dos capoeiras. Outro ponto de destaque em sua obra é a identificação do preconceito social sofrido pela capoeira e seus praticantes (VIANNA, 1984).

Antônio Liberac aborda que as ruas de Salvador foram palcos de vários conflitos entre os capoeiras e a polícia, havia a presença de forte discriminação social e racial com a prática da capoeiragem e de outras manifestações afro-brasileiras (PIRES, 2004). A imprensa baiana na época associava as práticas da capoeiragem, candomblé e do samba como objetos de uma mesma conjuntura, sem distinção. Outro fator de destaque é a presença de membros da elite que praticavam a capoeiragem, assim como a presença feminina neste ambiente de prevalência masculina (IPHAN, 2007). Ao analisarmos a capoeira baiana no período monárquico, é possível observar a influência por ela exercida no povo soteropolitano. Segundo o IPHAN (2007, p. 23) "a capoeiragem já se constituía uma atividade popular muito apreciada por parte da população baiana e fazia parte do cotidiano das ruas da cidade de Salvador, atraindo também a atenção da juventude, o que era motivo de preocupação para as autoridades".

Para Castellucci (2001) a visão dada pelos jornalistas aos capoeiristas era destoante no sentido em que os capoeiras não eram vadios e vagabundos, pois a grande maioria deles eram trabalhadores. Embora fossem trabalhadores de rua, assim como a grande parte da população da cidade. Devido a este fato, eles tinham momentos de repouso em que ocupavam o tempo nas ruas, e dentro disso jogavam capoeira e até causavam desordem, transgredindo os padrões sociais da época. No que se refere a ocupação dos capoeiras, muitos tinham ligações com a região portuária realizando trabalhos braçais (IPHAN, 2007).

Ao entrarmos na República Velha, período de maior tensão, assim como no Rio de Janeiro, a capoeiragem de Salvador também sofreu perseguição por parte da aristocracia e de forças do Estado e policiais. Nesta época a alta sociedade

objetivava transformar Salvador numa cidade aos moldes europeus, por consequência a cultura afro-brasileira deveria ser extirpada dos costumes e paisagem da cidade. Fato este que propiciou uma grande repressão policial contra a capoeira e outras manifestações da população negra (FILHO, 1998). Podemos definir a República Velha como o período em que a capoeira, samba e o candomblé sofreram maiores repressões do Estado e das forças policiais.

Dentre algumas localidades da cidade, alguns pontos são notórios, consolidando estes espaços como redutos da capoeiragem soteropolitana. Segundo o IPHAN (2007, p.27):

Dentro dessas três freguesias ficavam a ladeira do Tabuão, a Baixinha, a Baixa dos Sapateiros, o Terreiro de Jesus, o Cruzeiro de São Francisco, a rua do Saldanha, a praça Castro Alves e o Cais Dourado, conhecidos como tradicionais pontos de capoeiragem desde o século XIX. Nestes locais, formou-se uma importante geração de capoeiras que, posteriormente, tornaram-se célebres: Onça Preta, Noronha, Pastinha, Bimba, Cobrinha Verde, Maré e Livino Diogo.

A capoeira nem sempre tinha como finalidade a luta, muitas vezes ela tinha um caráter lúdico, era praticada nas ruas como uma brincadeira, assim como em festas populares, embora a imprensa baiana relatasse esta prática de maneira pejorativa (IPHAN, 2007).

Pernambuco detém uma grande relevância histórica no desenvolvimento da capoeira, embora se tenha poucos estudos e documentos que relatem a capoeira recifense. O Rio de Janeiro e Salvador possuem vastos documentos históricos sobre a capoeira e seus praticantes. Ao compararmos com Recife, é possível relatar o restrito acervo histórico da cidade (IPHAN, 2007).

De acordo com Oliveira (1985) em Recife a capoeira está intimamente ligada com a música e a dança, principalmente, em festas de rua e no carnaval, singularidades estas que marcam a capoeira na capital pernambucana. Segundo Silva (2006, p.36): “O gosto dos capoeiras, pela música, pelas festas e folguedos, os atraía e concentravam onde quer que houvesse qualquer sinal de mobilização de festa ou brincadeira. Podíamos contar com a presença dos capoeiras, assistindo ou participando”. Um fato marcante era a rivalidade existente entre as bandas de música, na cidade, que tinham capoeiras entre seus integrantes. Segundo o IPHAN (2007, p.30): “(...) a rivalidade entre as bandas de música, cujo encontro resultava em lutas e hostilidades entre os grupos de capoeiristas que as acompanhavam”.

Outro autor que aponta a presença de capoeiristas causando brigas e desordem nos folgedos urbanos de Recife foi Sette (1981, p.87): “Saísse uma música para uma parada ou uma festa e lá estavam infalíveis os capoeiras à frente, gingando, piruetando, manobrando cacetes e exibindo navalhas”.

É a partir deste envolvimento dos capoeiristas nas festas populares que se origina os passos de frevo. Para Real (1967, p.27): “As origens dos passos do frevo vêm diretamente da capoeira de angola trazida ao Brasil pelos negros angolenses, dança guerreira na sua forma original que produziu não somente o passo como também a pernada carioca”.

A capoeira de Recife era identificada como uma capoeira valente, agressiva, de luta. Sofreu uma forte repressão, associada com o crime e a marginalidade, assim como ocorreu no Rio de Janeiro. Outro ponto em comum entre as duas cidades era a influência dos capoeiras na capangagem eleitoral e na proteção de políticos. Para Sette (1981, p.87): “Os capoeiras, em regra, pertenciam a este ou aquele figurão dos tempos. Nos dias de eleição retribuíram com serviços valiosos a proteção e a impunidade”.

Com a instauração da República a capoeira recifense começa a sofrer forte repressão e os capoeiristas passam a serem perseguidos e presos. Muitos capoeiras foram aprisionados na ilha de Fernando de Noronha situada no próprio estado de Pernambuco (SILVA, 2006). Embora a polícia perseguisse e tentasse combater a prática da capoeiragem, a capoeira já estava difusa entre as classes mais baixas, tais como os negros, mestiços e brancos pobres. Segundo Silva (2006) a polícia até conseguia eliminar alguns capoeiristas e comunidades da prática da capoeira, mas não em sua totalidade e é por este fato que surgem os mestres brabos: responsáveis por conservar as habilidades de luta e os costumes ilegais que os capoeiras haviam deixado de legado nas áreas pobres e humildes da cidade.

A década de 1930 coloca a capoeira em um outro patamar, a partir desta época a luta nacional passa a ter um outro significado perante a sociedade e ao país. De acordo com Oliveira e Leal (2009, p. 48):

Poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira. Sua prática, contudo, iria experimentar uma outra significação a partir da década de 1930. Passaria de crime previsto no Código Penal para uma luta considerada genuinamente brasileira.

A Era Vargas, que teve seu início em 1930, contribuiu para este processo de ressignificação da capoeira. Uma das características desta época foi à construção de uma identidade nacional. Para Guides e Mascarello (2011, p.96): “No projeto nacionalista da era Vargas os elementos da cultura negra foram apropriados pelo discurso e práticas oficiais a fim de construir uma imagem unificada de identidade nacional”. Aos poucos a capoeira foi ganhando espaço e destaque, muito facilitada pelo projeto nacionalista do governo. “Em 1932, Getúlio Vargas libera uma série de manifestações populares, inclusive a capoeira, ato político que tinha por objetivo exercer controle sobre a população marginalizada, determinando regras e normas para sua prática” (AREIAS, 1984, p. 62). Outro fator que ajudou na transformação para ser consolidada como luta nacional foi o interesse de intelectuais brasileiros e de estrangeiros em estudar e pesquisar as manifestações de matriz africana. (IPHAN, 2007).

Com a implantação dos métodos ginásticos no país, a partir do começo do século XX, a capoeira começa a se aproximar da Educação Física. A finalidade dos métodos ginásticos no Brasil era similar a dos países de origem, os países europeus. Em suma tais métodos visavam obter corpos disciplinados e fortes para o trabalho e no que se refere ao higienismo, obter uma melhoria da saúde. A fim de se construir um projeto nacionalista, a capoeira surge como uma possível alternativa como uma prática ginástica brasileira (SILVA, 2001).

No Rio de Janeiro, devido a estas novas características, a capoeira consegue permear as camadas sociais mais elevadas devido a estes novos praticantes, os quais tinham uma relação próxima com os modelos ginásticos. A capoeira então passou a ser praticada em locais fechados, em academias, de uma maneira metodizada e regrada (SILVA, 2001). Entretanto, foi na Bahia que a capoeira ganha destaque a nível nacional. Embora a capoeira fluminense fosse praticada nesta nova perspectiva, ela quase é erradicada pela forte repressão que sofreu desde a sua criminalização em 1890. Segundo Oliveira e Leal (2009, p.50): “No século XX, o referencial da capoeira se volta para a Bahia, onde na década de 30 foi criada a chamada Capoeira Regional e logo em seguida, como resposta a ela, se organiza a capoeira Angola”. Estas duas vertentes da capoeira se ajustaram a este novo momento, buscando ter uma sistematização e ser ensinada em locais fechados.

Manuel dos Reis Machado, mestre Bimba e Vicente Ferreira Pastinha, mestre Pastinha são considerados os principais interlocutores e divulgadores da capoeira baiana para o resto do país. “Tanto Bimba quanto Pastinha foram os principais responsáveis pela expansão inicial, para outros estados do Brasil, da maneira tradicional baiana de jogar capoeira” (IPHAN, 2007, p.41).

Segundo o IPHAN (2007) Mestre Bimba nasceu em 23 de novembro de 1899, em Salvador. É considerado o criador da Capoeira Regional em 1928. Conforme o IPHAN (2007):

É justamente com esta tradição que Mestre Bimba buscará uma ruptura, inventando a capoeira regional baiana. Segundo ele, a capoeira deveria se transformar para se inserir na sociedade. Estas transformações deveriam abandonar toda e qualquer vinculação da capoeira com a vida malandra, enfatizando os seus aspectos desportivos e marciais. Mestre Bimba tenta, portanto, transformar a capoeira numa ginástica genuinamente nacional. A capoeira regional nasce tentando buscar um rompimento com a imagem do capoeira vadio e desordeiro em nome do capoeira como um desportista saudável e disciplinado. A construção de uma academia, reconhecida oficialmente pelo Estado, em que a prática e o treino da capoeira são realizados, foi a forma encontrada por Mestre Bimba para levar esta tradição para além dos bairros populares. Deste modo, a capoeira regional começa a atrair o interesse cada vez maior de um público diversificado, de diversas camadas sociais, com destaque para estudantes universitários. Este movimento de Mestre Bimba vai, de certo modo, ao encontro do projeto de construção de uma identidade brasileira, que desembocará no Estado Novo.

Para o IPHAN (2007) o criador da Regional buscou no seu estilo enfatizar o caráter de luta, pois acreditava que a capoeira praticada na época tinha perdido essa característica. Esta nova vertente foi ganhando notoriedade pelos desafios nos ringues e pela fama dos jornais em reportar tais feitos. Todos estes fatos foram dando destaque a esta nova vertente. Ela vai ganhando novos adeptos, atingindo camadas sociais altas, abrange em especial os estudantes universitários. A capoeira de Mestre Bimba passa a ser uma prática desportiva e sistemática de luta (IPHAN, 2007). O ano de 1937 foi um marco para a capoeira, pois marca o começo do processo de descriminalização desta prática, e também marca a data em que o criador da Luta Regional recebe autorização para manter seu espaço denominado: Centro de Cultura Física e Capoeira Regional. O ano de 1954 foi uma outra data de grande relevância. De acordo com o IPHAN (2007) mestre Bimba se apresentou na capital baiana para o então presidente Getúlio Vargas e o governador da Bahia

Juracy Magalhães. O presidente da República aludiu à ideia de que a capoeira seria o único esporte genuinamente brasileiro (IPHAN, 2007).

De acordo com o IPHAN (2007) Mestre Pastinha nasceu em 1889 em Salvador, é considerado o grande representante da Capoeira Angola. Juntamente com outros mestres foi o idealizador na década de 1930 do Centro Esportivo de Capoeira Angola, no qual de forma individual se transforma em sua academia no início da década de 1940. Segundo o IPHAN (2007, p.41): “A importância de mestre Pastinha à frente da capoeira angola foi fundamental para que esta se tornasse visível e ocupasse espaços em que, até então, não havia penetrado”. A academia do notável angoleiro se torna local consagrado para a capoeiragem soteropolitana, recebendo também turistas e intelectuais. Assim como mestre Bimba, mestre Pastinha compartilhava da ideia de que a capoeira deveria sair da marginalidade das ruas. O ano de 1966 tem uma grande representatividade na história da arte-luta, pois marca a data em que mestre Pastinha e os seus discípulos viajam para o continente africano, apresentando a capoeira no Festival de Artes Negras (IPHAN, 2007). Outros mestres de destaque na Capoeira Angola são os mestres: Waldemar, Caiçara, Canjiquinha e Cobrinha Verde (IPHAN, 2007).

Em conformidade com o IPHAN (2007) a partir da década de 1950 a capoeira está bem difundida principalmente na Bahia e também no Rio de Janeiro com a vinda de mestres baianos para a cidade. Então começa um processo de expansão da capoeira no cenário nacional. Os mestres Bimba e Pastinha já tinham fama a nível nacional, viajavam e levavam a capoeira em outros estados. A expansão da capoeira pelo Brasil a fora foi a partir do modelo da capoeira baiana.

Outros mestres ganham notoriedade, dois exemplos são: Waldemar da Liberdade e Cobrinha Verde (IPHAN, 2007). Outras regiões do Brasil começam a recepcionar a capoeira. Ocorre um processo de expansão da luta brasileira a nível nacional. Os anos de 1930 a 1980 correspondem um período essencial, o qual configurou os moldes da capoeira contemporânea, a partir de 1980 (IPHAN, 2007). Este período em questão, entre 1930 e 1980 se caracterizou pela folclorização da capoeira na Bahia, muito devido ao setor turístico que movimentava muito dinheiro em torno das manifestações afro-brasileiras. Muitos capoeiristas passaram a compor grupos folclóricos, realizando apresentações não só na Bahia, mas em várias regiões brasileiras até mesmo no exterior.

Segundo o IPHAN (2007) os mestres Canjiquinha e Caiçara das décadas de 1960-1970 se adaptam a esta nova característica de espetacularização do jogo, rompendo o protagonismo que havia em torno dos mestres Bimba e Pastinha. Outro atributo deste período é a esportivização que a capoeira sofre. O então órgão denominado CND – Conselho Nacional de Desportos legitimou a capoeira como esporte, submetendo às regras do pugilismo (IPHAN, 2007). O processo de esportivização trouxe novos aspectos para esta prática corporal. Começaram a serem realizados os primeiros campeonatos nacionais, os capoeiristas eram treinados como atletas. É importante ressaltar que algumas academias de adaptaram a tais transformações, enquanto outras se mantinham resistências e este processo. (IPHAN, 2007).

Vários mestres baianos migram para o sudeste a partir da década de 1950. Columá, Chaves e Triani (2017) apontam os mestres baianos Arthur Emídio, Paraná e Mario da Bonfim como personagens importantes para a capoeira carioca do período em questão. Segundo o IPHAN (2007) a capoeira de mestre Arthur Emídio não tinha relação com a capoeira regional nem com a capoeira angola do mestre Pastinha. Para o mesmo autor IPHAN (2007) Mestre Arthur Emídio competiu várias vezes em lutas nos ringues com lutadores de outras artes marciais, o mestre pertencia a Zona Norte do Rio de Janeiro, contudo, era conceituado e um capoeirista famoso na cidade.

Outros personagens importantes foram os irmãos Rafael e Paulo Flores, estes pertencentes a Zona Sul da capital fluminense. Viajaram em 1964 para a Bahia e treinaram capoeira por alguns meses com o Mestre Bimba e ao retornarem de viagem continuaram os treinos no local onde moravam, denominaram-se o Grupo Senzala. Mesmo depois disso os capoeiristas viajaram novamente a Bahia e treinaram em outras academias e jogassem em rodas com vários mestres, dentre eles, de capoeira angola. Devido a tais fatores, o Grupo Senzala não se definiu como nenhum dos estilos, nem de angola, nem regional (IPHAN, 2007).

Uma característica que marcou a capoeira foi nos anos de 1970 foi o sistema de cordéis-cordas utilizado por vários capoeiristas e grupos da região sudeste, do Rio de Janeiro e São Paulo, embora tivessem grupos que não o adotassem. Tais elementos que mesclam características da capoeira regional e angola moldam o que se pode denominar de Capoeira Contemporânea, dentre outros nomes. De acordo com o IPHAN (2007, p.47):

Influenciados pelas seqüências de Mestre Bimba, os grupos cariocas e paulistas incorporaram na sua prática movimentos e instrumentação da capoeira angola. Uma das suas características principais é o uso de cordas para graduar os jogadores. Esta modalidade ainda não possui um nome consensual entre os capoeiristas. Uns preferem chamá-la “capoeira contemporânea”, outros “capoeira de vanguarda”, e há ainda os que a nomeiam como “capoeira atual” ou, simplesmente, “capoeira hegemônica”.

Outra fase que merece destaque é o processo de globalização da capoeira, o IPHAN (2007, p.49) destaca que “o mestre Arthur Emídio foi, provavelmente, o primeiro capoeirista a viajar para o exterior, entre os anos de 1950 e meados de 1960”, posteriormente outros mestres viajaram e fizeram apresentações no exterior, como foi o caso de Mestre Pastinha em 1966. Como citado anteriormente, grupos folclóricos viajavam por vários países levando a cultura afro-brasileira. Estes grupos tinham a presença de vários capoeiristas, dentre os quais, alguns permaneciam nas cidades depois dos shows. Os Estados Unidos e a Europa foram os primeiros locais em que estes capoeiristas fixaram residência, e com o passar dos anos a capoeira foi sendo implantada em outras regiões do globo terrestre (IPHAN, 2007). Na atualidade a capoeira está difundida nas mais diversas regiões do planeta., no qual o IPHAN (2007, p. 51) aponta que “atualmente, a capoeira se encontra presente em mais de 150 países, atraindo praticantes e estudiosos dos cinco continentes do planeta”.

A trajetória foi longa e dolorosa, desde os primeiros escravos que lutavam em ânsia de se ter um direito tão simples, mas tão sublime: liberdade. O caminho que a capoeira e todos os capoeiristas percorreram até chegar aos dias atuais foi de muito sangue derramado nos solos deste país. Entretanto, o Brasil e a humanidade reconheceram o valor da capoeira. No ano de 2008 ela é registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e em 2014 a Roda de Capoeira é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (IPHAN 2014).

2.1 A Trajetória da Capoeira em Curitiba

A partir da compreensão histórica da capoeira no Brasil e a partir dos principais polos oriundos desta manifestação afro-brasileira, foi possível compreender como ela chega a Curitiba.

Neste contexto em que há uma disseminação da capoeira para outras regiões a partir da década de 1950 (IPHAN, 2007) a capoeira começa, entre final da

década de 1960 e início da década de 1970, a se desenvolver na capital paranaense.

Os primeiros relatos da presença da capoeira em Curitiba datam do final da década de 1960 e início da década de 1970 com a figura dos primeiros capoeiristas a ensinar esta arte/luta/jogo. Em entrevista ao livro “Curitiba entra na roda: presença(s) e memória(s) da capoeira na capital paranaense” (PORTO et al., 2010), Antônio Marques da Silva Filho, Mestre Pernambuco, relata que um dia ao passar em frente a Galeria Ritz, na região central, escutou um barulho de berimbau e adentrou na galeria para conferir. Afirma no livro que era Eurípedes, mais conhecido como Lampião, o responsável por dar aulas de capoeira na academia, a qual tinha outras lutas. Ainda, segundo mestre Pernambuco, Lampião pouco tempo depois desapareceu.

Antônio Rodrigues Santos, o Mestre Sergipe, chega em Curitiba em dezembro de 1973 (PORTO et al., 2010). Em entrevista para o mesmo, relata que ao chegar na cidade já começou imediatamente a dar aulas de capoeira para os alunos que treinavam com Lampião. Outro capoeirista importante para a consolidação da capoeira em Curitiba foi Antonio Carlos de Menezes, Mestre Burguês. Segundo Porto (et al., 2010), Mestre Burguês afirma em entrevista para o mesmo que se mudou para Curitiba em 1975, através de um amigo que já estava na cidade, o Mestre Monsueto, que após a chegada de Mestre Burguês fica pouco tempo na cidade, partindo em seguida para Porto Alegre. Foi Mestre Monsueto que entregou o primeiro local que Mestre Burguês ministrou aulas na cidade.

Ao verificar os depoimentos dos mestres pioneiros neste livro (PORTO et al., 2010) é possível constatar que o centro da capital paranaense foi o palco das primeiras práticas de capoeira, a qual foi realizada em academias de artes-marciais como o Karatê e o Judô, por exemplo. Segundo Porto e colaboradores (2010), Mestre Burguês afirma em entrevista que começou a dar aulas na Galeria Ritz no centro de Artes Orientais, do professor Akira Tanigushi. Ainda de acordo com Porto e colaboradores (2010), Mestre Sergipe relata que iniciou o ensino da capoeira na capital paranaense na região central na rua XV de novembro.

Ambos os Mestres Sergipe e Burguês afirmam nas entrevistas para o livro que até a consolidação da capoeira em Curitiba foi necessário muito trabalho e surgiram muitas dificuldades. “Os primeiros tempos não são nada fáceis, sendo

necessário um esforço significativo para que a arte/jogo/luta fosse conhecida e reconhecida pelos curitibanos.” (PORTO et al., 2010, p. 101).

É a partir daí que a capoeira começa a se desenvolver na cidade, ganhando praticantes e moldando o cenário local. Nos anos iniciais na capital, os mestres precursores tinham como estratégia realizar muitas apresentações nas ruas e praças centrais, além de rodas com o berimbau e demais instrumentos. Tudo isso com o objetivo de atrair alunos para as aulas em suas academias, situação muito nova para a cidade na época. Em relação ao mestre Sergipe: “A fim de divulgar a capoeira, o mestre passou a fazer demonstrações públicas no centro da cidade” (PORTO et al., 2010, p. 169).

A capoeira começou aos poucos a adentrar em vários espaços da cidade, desde a década de 1970, um exemplo disso é sobre os capoeiristas, os quais marcaram vários carnavais nas décadas de 1970 e 1980. Conforme Porto e colaboradores (2010), relata que capoeiristas apresentaram-se nos carnavais curitibanos, desfilando em várias escolas de samba da cidade.

Na década de 1980, já um pouco mais difundida, as academias de capoeira e as ruas são cenário de conflitos corporais e brigas entre integrantes de academias rivais, tudo isso com o intuito de buscar a hegemonia da capoeira na cidade e adeptos para a sua própria academia.

Mas Mestre Piton relata que o quadro mudou bastante na década de 1980, quando se instaurou uma guerra entre os grupos dos mestres Sergipe e Banguês. Guerra que se dava, nas palavras do mestre, “na base da mutreta” – ou seja, convidavam-se os opositores para situações de batizados, armando contextos para que os convidados apanhassem. E, mesmo sabendo disto, estes iam. (PORTO et al., 2010, p. 154).

Nesta época a capoeira, já estava sendo difundida, sendo praticada em vários locais, começa a ter maior visibilidade e vai ganhando espaços no cenário da sociedade local. Iniciou então o seu ensino em clubes, quartéis militares e comunidades, entretanto, são nas academias que predominam a prática da capoeira com aulas lotadas e muitos praticantes nestes espaços (PORTO et al., 2010).

Na década de 1990 ocorre uma transformação na capoeira curitibana com a criação e a vinda de muitos grupos e capoeiristas de outras localidades para a cidade, ela passa a ser ensinada em várias academias e diversos espaços como projetos sociais, escolas, comunidades carentes entre outros. Acontece uma

dissipação da prática ao longo da cidade e região metropolitana. Atualmente o foco de ensino não é somente as academias de capoeira, mas sim os diversos espaços sociais da cidade e nas mais variadas localidades (PORTO et al., 2010).

Os anos 2000 e 2010 marcam a forte presença da capoeira em todos as regiões de Curitiba, em diferenciados espaços, tais como escolas públicas e privadas, projetos sociais, associação de moradores, academias entre outros (PORTO et. al., 2010).

Conforme a mesma autora em pesquisa realizada no ano de 2010 sobre a distribuição dos espaços da capoeira na cidade, destaca que são as escolas os locais em que há a maior presença da prática da capoeira. Neste estudo, há algumas sugestões e apontamentos sobre esta mudança no cenário da capoeira na cidade, em que as academias não são mais o espaço principal da prática da arte-luta.

Para a autora uma perspectiva seria em relação a uma diminuição da procura da prática da modalidade nas academias curitibanas, e em relação a escola descreve: “Os espaços escolares e a presença da capoeira como atividade física complementar – pela abrangência e importância de tais espaços na contemporaneidade” (PORTO *et. al.*, 2010, p.20).

A capoeira se transformou, devendo ser vista não como uma luta de rua, mas sim como uma prática multiesférica: esportiva, artística, um jogo, e isso permite que a capoeira seja capaz de fomentar o desenvolvimento da criança e do adolescente numa perspectiva de reconhecimento das habilidades corporais e disciplinares. (PORTO et.al., 2010)

3 A CAPOEIRA NOS JORNAIS CURITIBANOS

Conforme apresentado no capítulo sobre os procedimentos metodológicos, realizamos um processo de seleção das informações para posteriormente análise de algumas dessas ocorrências. Entre as investigadas foi feita uma divisão principal entre o entendimento da palavra capoeira. A primeira é a que se refere a temática deste estudo, ou seja, ao jogo de capoeira, criado no Brasil pelos negros africanos. A segunda divisão é a qual o termo se refere a outros sentidos. Segundo o dicionário Aurélio (1986, p.344) os entendimentos da referida palavra são:

Capoeira¹. S.f. **1.** Gaiola grande ou casinhola onde se criam e alojam capões e outras aves domésticas. **2.** P. ext. O conjunto das aves domésticas. **3.** P. ext. O conjunto das aves domésticas de uma criação: O gambá está-me dizimando a capoeira. **4.** Ant.Fort. Espécie de cesto para resguardo da cabeça dos defensores de uma fortaleza. **5.** Ant. Fort. Escavação guarnecida de seteiras.

Capoeira². [Do tupi kapu'era.] S.f. Bras. **1.** Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim: "A capoeira (mata que foi) aparece em todos os distritos agrícolas do país, visto que é um resultado das queimadas." (Raimundo Lopes, Uma Região Tropical, p.99) **2.** Mato que nasceu nas derrubadas de mata virgem. **3.** V. uru¹. **4.** Cap. Jogo atlético, constituído por um sistema de ataque e defesa, de caráter individual e origem folclórica genuinamente brasileira, surgido entre os escravos bantos procedentes de Angola no Brasil colônia, e que, apesar de intensamente perseguido até as primeiras décadas do séc. XX, sobreviveu à repressão e hoje se amplia e se institucionaliza como prática desportiva regulamentada; capoeiragem. [Cf. pernada (7).] • S.2 g. **5.** Cap. Indivíduo que pratica esse jogo; capoeirista.

Muitas citações encontradas nos periódicos fazem alusão a definições destes outros sentidos explanados pelo dicionário, principalmente como de matagal e poucas vezes no primeiro sentido explicado como gaiola ou de aves. Compreendidos estes sentidos entre o entendimento etimológico da palavra, o passo seguinte foi feito com a realização do estudo da capoeira e os contextos em que elas aparecem nos jornais, ora dentro de uma matéria de cunho cultural e folclórico, ora no sentido desportivo ou como uma atividade física ou até mesmo num contexto de reportagem policial, correlacionado com uma temática de violência, também cita-se a divulgação de aulas em Curitiba, e por último o tópico outros, relativo a reportagens relacionado a capoeira num sentido diverso, como por exemplo uma letra de uma música.

Na análise das ocorrências dos periódicos paranaenses foi realizada uma classificação dos contextos em que a palavra pesquisada pertence e busca-se entender qual a dimensão em que os jornais tratam a capoeira.

As aparições das ocorrências em determinada categoria refletem a maneira como tais periódicos tinham o intuito de retratar a capoeira para seus leitores. O jornal assim como o jornalista noticiam os fatos partindo de uma concepção de seus valores, pontos de vistas, interesses e construções sociais. De acordo com Côrte (2009, p. 7 *apud* Pinto, 2002, p. 87) “os jornalistas não produzem simplesmente artigos, reportagens ou documentários para jornais (...), eles narram histórias – que possuem estrutura, ordem, ponto de vista e valores”.

Para Melo (2008) existem fatores os quais contribuem para o processo de formação da notícia, que vão desde pressões externas, valores individuais do jornalista e coletivos da equipe de redação do jornal. Ainda para o autor a mídia é capaz de emitir sentidos e apontar direções de significados, cabendo ao leitor, individualmente, a percepção e compreensão dos conteúdos e reportagens construindo uma linha convergente ou divergente de tal veículo de comunicação. Se uma determinada matéria jornalística expressa um sentido e expõe um fato social, então age de acordo com um determinado intuito e com um enfoque norteador em que se objetiva passar ao leitor uma determinada ideia ou concepção sobre o tema em questão.

Os jornais aqui explorados são todos referentes a uma abrangência de circulação regional, do Estado do Paraná e devido a fatores que por ora não são pertinentes, não estão mais em circulação ou foram comprados e incorporados por outras editoras, é importante salientar que todos eles foram noticiários impressos. O jornal Diário da Tarde reportou vários períodos da história brasileira e paranaense, sendo um dos principais periódicos do estado e que foi incorporado e conseqüentemente pertence a um dos maiores grupos de comunicação do estado.

De acordo com Filha (2004, p.88) “Mais antigo jornal paranaense ainda em circulação, fundado em 1899, o Vespertino é editado atualmente duas vezes por semana (terças e quintas-feiras) sendo vinculado à Editora Gazeta do Povo”. O periódico Diário do Paraná criado através dos Diários Associados na década de 1950 foi um importante meio de comunicação impresso nesta época, sendo caracterizado como um jornal arrojado. (FERNANDES, 2018) Dos três jornais pesquisados, o mais jovem foi o Correio de Notícias e conforme Silva e Silva (2015) o noticiário foi inaugurado no ano de 1977 e circulou até o ano de 1995, tendo a circulação interrompida duas vezes ao logo dessas datas. A veiculação deste

periódico se fez presente nas bancas de várias localidades, dentre as quais cita-se Curitiba e sua região metropolitana e outras cidades do estado.

É importante dimensionar e contextualizar a época e o contexto social vivido pelo país no período ilustrado neste estudo: as décadas de 1970 e 1980. Portanto, ao apreciarmos este período histórico, a identificação da conjuntura política e social vivida no país, em que a História a define como a Ditadura Civil-Militar, período em que os militares, os quais tiveram o apoio de uma camada da população brasileira, estavam a frente no comando do país, em que houve a ruptura com o Estado Democrático de Direito e por seguinte vários direitos foram cerceados, dentre eles a liberdade de imprensa, ou seja, vários veículos de comunicação eram restritos em divulgar as notícias no país, sendo controlados pela censura militar que avaliava o que poderia ser divulgado ou não.

De acordo com Amorim (2010, p.1): “O Golpe de 1964 (...) foi aprovado pela classe-média brasileira, pela imprensa, inúmeros governantes e inclusive pelos Estados Unidos e a Igreja Católica”. Para Campos (2018) embora a maioria da imprensa brasileira tivesse apoiado o Golpe Civil-Militar de 1964, ao decorrer do regime ditatorial vários jornais começaram a tecer críticas ao governo, com ênfase no decênio 1968-1978. Outro fator notório foi uma censura mais acentuada sobre a pequena imprensa, enquanto algumas redes midiáticas de grande porte se aliavam ao governo aumentando sua influência (CAMPOS, 2018). Por isso é importante destacar a interferência que diversos jornais sofriam no trato e a forma que divulgavam as notícias.

Conforme Giménez (1999, p.01) “O Diário do Paraná (...) estendeu seu apoio, principalmente à UDN e aos ex-integralistas, colocando-se na oposição ao Governo Goulart. Em outras linhas a autora defende que o noticiário paranaense se alinhava ao pensamento político-ideológico do governo da Ditadura Civil-Militar. Já o Correio de Notícias seguiu por um outro Norte, Castro descreve (2014, p. 04): “O jornal Correio de Notícias (...) Surgiu propondo-se um veículo de acordo com os novos ares que se vislumbrava no país, ainda que a ditadura militar permanecesse forte e atuante”. Em relação ao periódico Diário da Tarde, Silva (2009) cita que a gazeta teve, ao longo de sua existência, uma marca de autonomia em suas edições. “Mesmo nas crises institucionais que abalaram o país ao longo de quase um século, como a Revolução de 64, o *Diário* sempre exercitou o seu direito de expressão em defesa da verdade e dos interesses mais relevantes da Nação e de seu povo”

(Diário da Tarde, 1993 apud THOMAZ, 2009). Embora o jornal destaque uma independência e autonomia em sua linha editorial, percebe-se que esta liberdade pode ser concedida em regimes ditatoriais a quem se submete as regras e pensamentos destes governos.

3.1 Diário da Tarde

O mais antigo dos periódicos analisados retrata a palavra capoeira na década de 1970 ao longo de 83 ocorrências, dentre as quais 25 relacionam a capoeira com um contexto cultural/folclórico. Em seguida com mais aparições, 23 vezes, o jornal destaca espaços de aulas de capoeira na cidade. Associando a uma prática de atividade física ou esporte foi encontrada 4 vezes, enquanto apareceu 9 ocorrências da capoeira relacionada a outros assuntos do jogo. Apenas 1 vez é correlatada a uma matéria de violência, agressão. Aparece 23 citações do termo capoeira a outros sentidos da palavra.

A década de 1980 revela um total de 63 ocorrências, estampa na pesquisa igualmente em maior número a parte cultural/folclórica, numa quantidade de 16 vezes. Em relação a aparições que refletem um aspecto de agressão/violência houve um aumento em relação ao decênio anterior, passando a ter 5 citações. Ocorre uma diminuição de divulgação de aulas em Curitiba, tendo apenas 2 ocorrências. O jornal enfatiza apenas 1 vez a capoeira ao aspecto esportivo/atividade física. Aparece 1 matéria exclusiva sobre a capoeira, e 4 ocorrências sobre a capoeira enfatizando outros aspectos, e são 34 citações referentes a capoeira em outros sentidos da palavra.

3.2 Diário do Paraná

Esta foi a gazeta que registrou mais ocorrências na década de 1970, num número total de 239. Assim como no Diário da Tarde, o tópico mais recorrente neste jornal foi cultural/folclórico, aparecendo 98 vezes, enquanto o segundo aspecto que mais aparece é o outro, registrado em 40 oportunidades. A divulgação das aulas em Curitiba aparece em 18 momentos, ao passo que a parte esportiva/atividade física surge em 11 oportunidades, matérias em que a capoeira é o destaque são num número de 10 vezes e a parte de agressão/violência é a que menos é verificada, apenas em 2 momentos. São 68 ocorrências da palavra capoeira em sentidos diferentes do tema proposto na pesquisa.

A década de 1980 aponta 144 eventos, sendo 53 relacionados a cultura/folclore, 37 associam a divulgação de aulas em Curitiba, ao passo que 11 citações remetem a capoeira como matéria jornalística. O tópico “outros” apresenta 26 menções, esporte/atividade física tem 6 ocorrências, à medida que o menor item é sobre agressão/violência com 2 aparições. A subdivisão da capoeira num sentido diverso da palavra, aparece 20 vezes.

3.3 Correio de Notícias

O mais jovem dos três noticiários só sucede na década de 1980 na pesquisa em questão, além de ser o que mais ocorrências se observa neste período, 234 no total. Assim como ocorre em todos os outros jornais e décadas o tópico cultura/folclore é o mais encontrado, num número de 94 vezes, à medida que neste periódico há um grande número de ocorrências sobre esporte/atividade física, 41. Em terceiro na lista vem o item “outros” com 37 aparições, ao passo que 13 vezes aparece a divulgação de aulas na capital paranaense. Matérias de capoeira são classificadas 7 vezes, e em apenas 1 vez a subdivisão agressão/violência é fichada. A palavra capoeira em sentidos diferentes ao tema aqui trabalhado, aparece 41 vezes.

3.4 Análise dos Dados

Em todos os três jornais pesquisados, em ambas as décadas, o item classificado que mais aparece é *Cultura/Folclore*. A capoeira é uma manifestação cultural, elemento do folclore brasileiro. Vassallo (2003) descreve em sua obra mudanças as quais ressignificaram os conceitos da luta afro-brasileira, que como consequência a incorporaram ao folclore nacional, assim como no cenário das exposições turísticas. A partir do momento em que houve uma ruptura da prática da capoeiragem com a tipificação de um ato criminal e de marginais, ela logrou êxito em se tornar um componente folclórico afro-brasileiro. Conforme Vassallo (2003, p. 109): “(...) no momento em que a capoeira é integrada ao domínio do folclore, deixa de ser vista como uma atividade de delinquentes e começa a ser descrita como um grande cerimonial.”

Durante a década de 1970 várias reportagens vinculavam a um elemento folclórico afro-brasileiro e dentre essas notícias tiveram diversas citações sobre a Bahia tinham descrições sobre suas manifestações culturais tais como a capoeira.

A figura 2 retrata como matéria principal do caderno de turismo, a relação da capoeira com a Bahia. Ao longo da notícia é perceptível a ênfase que o periódico atribui à esta arte-luta brasileira (assim como é narrada na notícia sendo ao mesmo tempo uma dança e uma luta) descrevendo vários aspectos tais como a origem, locais de prática, plasticidade dos golpes e a utilização dos instrumentos musicais próprios. Ainda se cita a participação dos capoeiristas baianos no Festival de Artes Negras que ocorreu na década de 1960 em Dakar, no continente africano. Complementa-se que o mestre Pastinha foi um dos capoeiras que viajou e participou de tal festival. Entretanto, o que realmente chama a atenção é como nesta matéria torna-se saliente a associação do jogo da capoeira com as festas da cidade de Salvador, assim como em várias localidades da cidade e como é fácil qualquer pessoa, inclusive um turista, obter informações dos locais em que se possam assistir a este show folclórico, termo este utilizado pelo jornalista para descrever a capoeira.

Outras reportagens expõem a prática da capoeira como um elemento folclórico ora já praticado na capital paranaense, com muito relatos já na década de 1970, principalmente vinculado com os desfiles das escolas de samba no carnaval curitibano. Com a vinda dos mestres pioneiros nesta década a capoeira passou a ser divulgada e praticada por vários adeptos e a partir da década de 1980 tendo sido já consolidada como uma prática corporal presente na cidade, justamente devido ao trabalho por eles (mestres pioneiros) realizados no decênio anterior, a capoeira consegue atingir várias camadas da sociedade, sendo vastamente apresentada em eventos, shows e várias outras apresentações culturais, sendo explorado este lado folclórico da capoeira e das manifestações culturais “irmãs” da capoeira, como o maculelê e o samba de roda, por exemplo.

A capoeira sempre teve um forte vínculo com as festas populares, se tornando de certa forma como um elemento essencial nestes eventos (AREIAS, 1984), como ocorria nos folguedos de Salvador, Recife e também no Rio de Janeiro. A então capital do país presenciava nos períodos das festas carnavalescas desde os tempos das maltas em que os capoeiras estavam presentes nestas datas. Nepomuceno (2013, p.23) “(...) membros de maltas de capoeira que atuarão no carnaval com grande afinco”.

Os capoeiristas em diversos momentos da história e nas variadas localidades estavam sempre associados e agregado as festas populares das suas

regiões. Fato este que se confirma na história da capoeira curitibana como, foi destaque na década de 1970 em várias edições do Diário do Paraná:



FIGURA 3 – DIÁRIO DO PARANÁ
EDIÇÃO DE 22/01/1974 – CAPA



FIGURA 4 – DIÁRIO DO PARANÁ
EDIÇÃO DE 13/01/1978 – 2º CADERNO – 7ª PÁGINA

A figura 3 retrata a capa de uma edição do Diário do Paraná do começo do ano de 1974 em que a capoeira ganha destaque através de uma das fotos da capa. Abaixo da foto a chamada da notícia ressalta:

Domingo, a população de Curitiba teve oportunidade de sentir, pela primeira vez, o clima carnavalesco de 1974, ainda em preparativos: no Passeio Público, o bloco carnavalesco Dom Pedro II realizou espetáculo onde não faltaram demonstrações de capoeira. (CONFETES & SERPENTINAS, 8.a página do 1.o caderno). (DIÁRIO DO PARANÁ, p. 1, 22/01/1974)

A figura 4 remete a notícia do carnaval curitibano de 1978 em que a Escola de Samba Embaixadores da Alegria abordará no desfile o enredo sobre “Exaltação ao Morro” referente ao Rio de Janeiro e as escolas de samba cariocas. A capoeira foi um dos temas retratados pela escola curitibana, através dos integrantes incumbidos de desfilar.

Notícias de outras edições do Diário do Paraná estamparam a relação da capoeira presente nos carnavais curitibanos, remetendo a associação entre carnaval-samba-capoeira. Outro dado que destaca esta relação é sobre os mestres pioneiros que participaram e penetraram no meio carnavalesco da cidade. Em entrevista concedida à Porto e colaboradores (2010), mestre Sergipe afirmou ter participado da Escola de Samba Mocidade Azul na qual durante os desfiles de

carneval realizava apresentações de capoeira. Mestre Burguês narrou sobre as apresentações que realizava no carnaval, em algumas escolas de samba tais como: Colorado, Mocidade Azul e Sacolândia. O mestre ainda citou a composição de alas da capoeira, nestas escolas de samba mencionadas acima, desenvolvidas por ele e também pelo mestre Sergipe. (PORTO *et. al.*, 2010)

O item *Cultura/Folclore* foi o principal e mais numeroso entre todos eles na década de 1970, e um dos tópicos averiguados nos periódicos deste estudo foi a presença de vários grupos folclóricos vindos de outros estados, principalmente a Bahia, que realizavam apresentações de seus folclores, tais como maculelê, samba de roda, frevo, bumba-meu-boi assim como a capoeira. Até mesmo houve o registro de alguns grupos folclóricos locais da cidade, que demonstravam as culturas do sul do país, mas também das outras regiões, cita-se dentre elas, a capoeira.

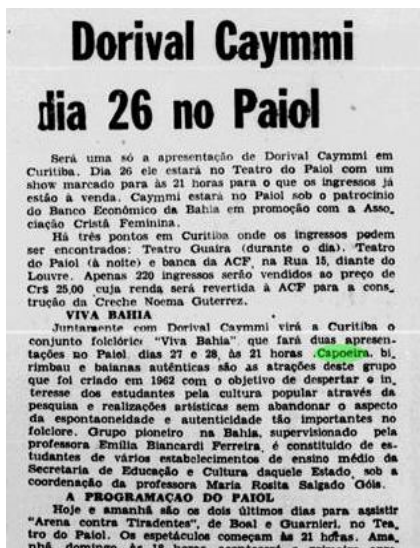


FIGURA 5 – DIÁRIO DA TARDE EDIÇÃO DE 10/06/1972 – CAPA

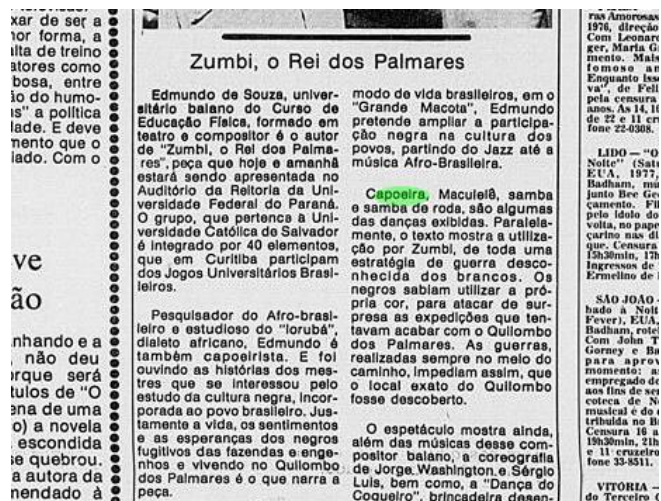


FIGURA 6 – DIÁRIO DO PARANÁ EDIÇÃO DE 23/07/1978 – 2º CADERNO – PÁGINA 7

A figura 5 remete a uma matéria exposta na capa do Diário da Tarde de 1972 em que divulga a vinda do artista baiano Dorival Caymmi que faria uma apresentação do Teatro Paiol e juntamente com ele viria à Curitiba o conjunto folclórico "Viva Bahia" que também se apresentaria no Paiol, com um espetáculo de capoeira.

A imagem 6 é uma reportagem do Diário do Paraná de 1978 que também publica sobre um espetáculo de um grupo folclórico baiano pertencente a Universidade Católica de Salvador que iria se apresentar na UFPR com a peça:

“Zumbi, O Rei dos Palmares”, com exhibções de capoeira, samba de roda, maculelê, entre outras.



FIGURA 7 – DIÁRIO DA TARDE EDIÇÃO DE 23/08/1972 – CAPA



FIGURA 8 – DIÁRIO DO PARANÁ EDIÇÃO DE 16/08/1972 – 2º CADERNO – PÁGINA 3

A figura 7 é sobre uma reportagem referente ao grupo curitibano de folclore denominado “Associação Tradicionalista Gralha Azul” em que apresentou no Festival Folclórico Internacional vários folclores referentes ao sul do país, mas também como disse a reportagem uma terceira parte do show foi alusivo as culturas de outras regiões do Brasil e o ponto que mais chamou a atenção nestes folclores destas regiões foi a capoeira. “O que chamou mais a atenção aos que foram ao Ginásio da Sociedade Thalia; foi a Capoeira” (DIÁRIO DA TARDE, p.1, 23/08/1972).

A figura 8 é referente ao mesmo assunto da imagem 7, entretanto é do Diário do Paraná e de data anterior em que anuncia o Festival Folclórico Internacional e divulga a única mostra de capoeira que o grupo folclórico curitibano Gralha Azul realizaria neste evento sediado, naquele ano, em Curitiba.

Ainda no decênio de 1970 observa-se como os noticiários de mídia impressa divulgam as rodas de rua que começam a ganhar molde, principalmente no centro da cidade. Os jornais exprimem estas manifestações com uma certa concepção de uma manifestação cultural nova na cidade, todavia, que ainda é vista com certo distanciamento pela população curitibana.

Segundo Porto e colaboradores (2010) os mestres Sergipe e Burguês em entrevistas concedidas, expressaram as complexidades da realização das rodas de rua, ainda na década de 1970, com poucos alunos e muitas vezes sozinhos. O

mestre Sergipe apontou também que aos poucos as demonstrações de capoeira por ele realizada e por outros capoeiristas que na cidade começaram a se estabelecer oportunizaram a atração e a atenção das pessoas e da imprensa que aos poucos começava a veicular reportagens sobre a capoeira dando ênfase a esta nova prática que começava a se estabelecer na capital do Paraná.



FIGURA 9 – DIÁRIO DO PARANÁ EDIÇÃO DE 17/02/1974 – CAPA



FIGURA 10 – DIÁRIO DO PARANÁ EDIÇÃO DE 17/02/1974 – 2º CADERNO – 5ª PÁGINA

As figuras 9 e 10 remetem a uma mesma reportagem sobre a capoeira. Logo embaixo da foto da capa na figura 9 o jornal noticia:

“Um pouco de folclore, um pouco de arte, a capoeira está chegando em Curitiba como um hábito pouco prestigiado. Na 5.a. página do segundo caderno o DP conta a história desse espetáculo que pode ser apreciado todos os domingos, no Passeio Público, pela manhã.” (DIÁRIO DO PARANÁ, p.1, 17/02/1974)

A figura 9 remete a notícia dentro do jornal, em que mostra a capoeira como uma nova prática corporal que começa a ser praticada em Curitiba. O jornal entrevista o mestre Sergipe, recém chegado na cidade de acordo com a reportagem. O mestre falou das dificuldades, na época, da aceitação da capoeira na cidade, além de citar que para divulgar a capoeira era necessário realizar apresentações folclóricas de capoeira em várias localidades tais como esquinas e praças durante os fins de semana. A matéria cita ainda um breve histórica da capoeira e outras cidades brasileiras em que a prática já era bem difundida, além, também, de

mencionar que algumas academias de karatê da cidade estavam adotando a capoeira nestes espaços.



FIGURA 11 – DIÁRIO DO PARANÁ
EDIÇÃO DE 02/04/1978 – PÁGINA 14

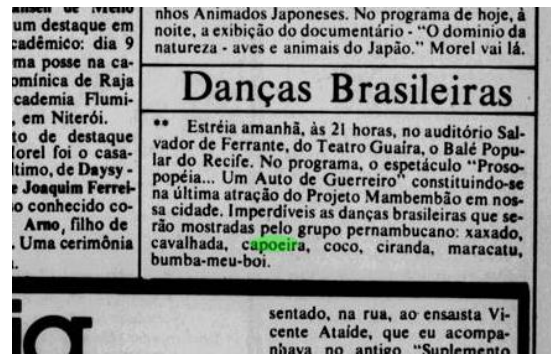


FIGURA 12 – CORREIO DE NOTÍCIAS
EDIÇÃO DE 25/07/1984 – PÁGINA 13

A imagem 11 aborda a Rua das Flores e os sujeitos que moldam e configuram as relações sociais existentes nesta que é a principal rua de pedestres da cidade. A gazeta aborda a prática da capoeira, na Rua das Flores, adjetivando como uma manifestação em forma de espetáculo/show. Retrata que se passou a ter a presença, todos os dias à noite, da capoeira nesta rua.

A década de 1980 continua a retratar a *Cultura/Folclore* como o tópico de maior destaque nos periódicos investigados. Entretanto, Curitiba já presenciava a capoeira como uma prática difundida na cidade, a partir da consolidação por parte dos mestres pioneiros e outros capoeiristas. (PORTO et al., 2010)

A figura 12 é do jornal Correio de Notícias de 1984 e divulga uma apresentação do Balé Popular do Recife no Teatro Guaíra em que são apresentados vários folclores nordestinos como o xaxado, maracatu e a própria capoeira, dentre outros.

O enfoque dado aos jornais continua sendo sobre a questão cultural e folclórica, mas a partir deste momento são as apresentações realizadas pelos próprios mestres e capoeiristas da cidade que são divulgadas, e não mais as apresentações de grupos folclóricos vindos de fora, embora tais grupos ainda realizavam apresentações e eram noticiados nas gazetas pesquisadas.



FIGURA 13 – DIÁRIO DA TARDE
EDIÇÃO DE 27/08/1981 – PÁGINA 2



FIGURA 14 – DIÁRIO DO PARANÁ
EDIÇÃO DE 07/06/1980 – 2º CADERNO – 3ª PÁGINA

A figura 13 é sobre uma campanha de conscientização dos males do cigarro, realizadas por vários estudantes no começo da manhã no centro de Curitiba, e tendo várias atrações culturais, como bandas de músicas, e grupos de capoeira que realizaram demonstrações.

A figura 14 retrata justamente a presença dos shows folclóricos alusivos à cultura nordestina das mais variadas manifestações, tais como a capoeira, não mais somente por grupos folclóricos de fora, mas sim pelos grupos de capoeira locais que já estavam difundidos nas várias partes da cidade.

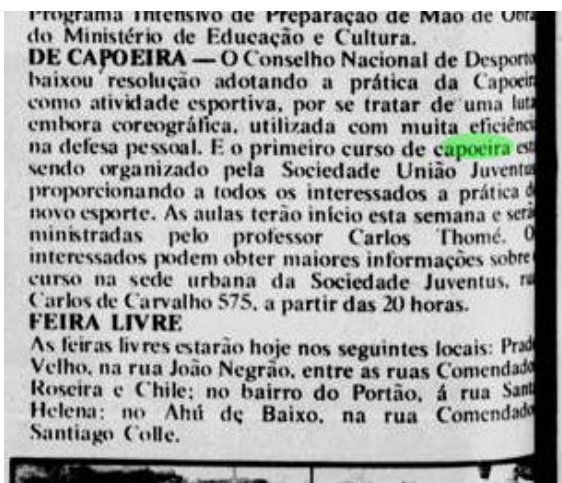


FIGURA 15 – DIÁRIO DA TARDE
EDIÇÃO DE 25/06/1973 – PÁGINA 4



FIGURA 16 – DIÁRIO DA TARDE
EDIÇÃO DE 03/09/1973 – PÁGINA 4

A década de 1970 é um marco na história da Arte-luta brasileira, é o período em que a capoeira amplifica seu leque de dimensões, passando a englobar o esporte, de uma maneira mais contundente, como uma de suas manifestações. Conforme é citado no dossiê do IPHAN (2007, p.43): “O início do processo de esportivização da capoeira, homologado em 1972 pelo CND – Conselho Nacional de Desportos, que submeteu a prática da capoeira às regras do pugilismo”. Passando a ser uma prática esportiva reconhecida por um órgão administrativo notoriamente reconhecido no país, isto proporciona a capoeira um maior prestígio perante a sociedade, além de valorizar a capoeira como uma prática corporal multiesférica, isto é, pode ser uma luta, expressão folclórica, dança, assim como esporte por exemplo.

No que tange os periódicos do estado do Paraná, foi analisada a presença de matérias jornalísticas, as quais abordam este lado esportivo da capoeira, como mostra a figura 15 datada de 1973, ano seguinte a homologação da capoeira como esporte pelo Conselho Nacional de Desportos. A reportagem explica sobre a resolução que a tornou esporte, para em seguida divulgar um curso de capoeira que seria realizado pela Sociedade União Juventus, com o professor Carlos Thomé. A reportagem da imagem 16 é de um pouco mais de dois meses depois da reportagem da imagem 15 e é relativa ao mesmo jornal: Diário da Tarde, sobre o mesmo assunto, o curso de capoeira do professor Thomé no Juventus. Mas o mais importante na matéria é a forma como o periódico retrata e divulga a prática da capoeira: “Capoeira, o esporte da ginga, tem curso no Juventus. (...) A capoeira, antes uma dança típica do nordeste do Brasil, agora é um esporte devidamente reconhecido pelo Conselho Nacional de Desportos” (DIÁRIO DA TARDE, p.4, 03-09-1973).

É pertinente apreciar a perspectiva como o jornal exprime o entendimento dele sobre a capoeira. O veículo impresso destaca o reconhecimento da capoeira como esporte, legitimando a mesma como uma prática esportiva e anulando as características de dança. No entanto, é difícil admitir que uma esfera da capoeira anula as outras, apenas torna essa manifestação cultural em uma prática multiesférica, assim como já foi dito previamente nesta pesquisa e em outras obras, tais como a do Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. (IPHAN, 2007).

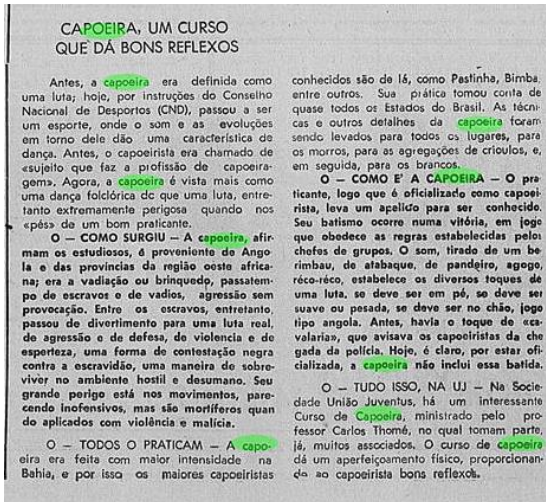


FIGURA 17 – DIÁRIO DO PARANÁ
EDIÇÃO DE 10/01/1974 – 2º CAD. – 5ª PÁGINA



FIGURA 18 – DIÁRIO DO PARANÁ
EDIÇÃO DE 09/02/1977 – 2º CAD – PÁGINA 5

Na Figura 17, assim como o Diário da Tarde, o Diário do Paraná também reportou sobre o aspecto esportivo da capoeira, além de reportar na mesma perspectiva de frisar o reconhecimento como esporte, derrogando as outras dimensões da capoeira. “Antes, a capoeira era definida como uma luta, por instruções do Conselho Nacional de Desportos (CND), passou a ser um esporte (...) Agora, a capoeira é vista mais como uma dança folclórica do que uma luta” (DIÁRIO DO PARANÁ, p.5, 10/01/1974). O periódico expressa uma contradição na reportagem, anula o aspecto de luta, cita a dança folclórica e o processo de esportização, entretanto ao ser reconhecida como esporte e perder sua dimensão de luta, ela, nesta linha de pensamento da notícia, deveria perder também seu aspecto de dança folclórica. Apesar disso, deve-se dimensionar que a capoeira era uma manifestação recente na cidade, e os jornais e jornalistas noticiam conforme as percepções e valores próprios, não são especialistas no estudo da capoeira.

A imagem 18 data de 1977 e dispõem sobre a Federação Paranaense de Pugilismo e cita os integrantes da nova diretoria da entidade estadual. O departamento de capoeira ficou a cargo de Antonio Rodrigues Santos, o mestre Sergipe. Nesta época a capoeira, assim como outras lutas, era subordinada a Federação Paranaense de Pugilismo, não existia uma federação própria, a qual regulamentava a capoeira no âmbito esportivo.

Embora na década de 1970 já tivessem elementos referentes a questão esportiva da capoeira em Curitiba, como o departamento de capoeira, atrelado a

Federação Paranaense de Pugilismo foi a partir da década de 1980 que os campeonatos tornaram frequentes nas páginas dos periódicos, neste decênio em questão os jornais começaram a divulgar as outras formas de expressão da capoeira, como o cunho esportivo, que começa a ser desenvolvido em Curitiba a partir da consolidação e difusão da prática da capoeira desde a década anterior. Houve uma significativa presença de várias matérias jornalísticas retratando os campeonatos de capoeira em Curitiba e das equipes locais que participavam de campeonatos em outras cidades e estados.

A imagem 19 é referente ao periódico Diário da Tarde, o qual publica em 1980 sobre a realização do Campeonato Paranaense de Capoeira, que ocorreria no Clube Curitibano. A direção do campeonato estava a cargo do Departamento de Capoeira, vinculado a Federação Paranaense de Pugilismo.

A imagem 20 é referente a uma matéria de 1984 do caderno de esportes, em que divulga um campeonato interestadual entre capoeiristas do Paraná e São Paulo que aconteceria em Curitiba, no ginásio de esportes Tarumã, com coordenação geral da Federação Paranaense de Pugilismo.

A figura 21 corresponde a uma matéria de dezembro de 1984 sobre a conquista de um aluno (Jorge Luiz de Freitas) do curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná que obteve o segundo lugar no 1º Torneio Inter-Universitário de Capoeira realizado na Universidade de São Paulo. Atualmente, Jorge, o Mestrando Piriquito Verde continua desenvolvendo projetos sobre Capoeira em Curitiba.

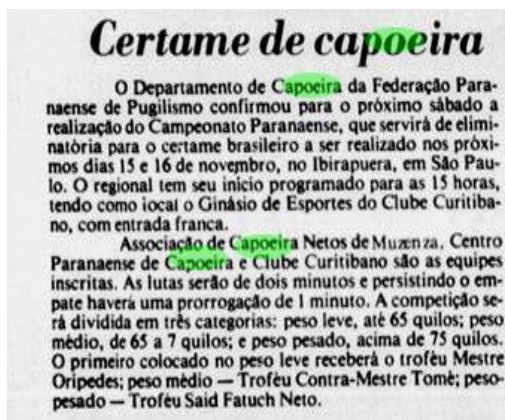


FIGURA 19 – DIÁRIO DA TARDE
EDIÇÃO DE 18/09/1980 – PÁGINA 6

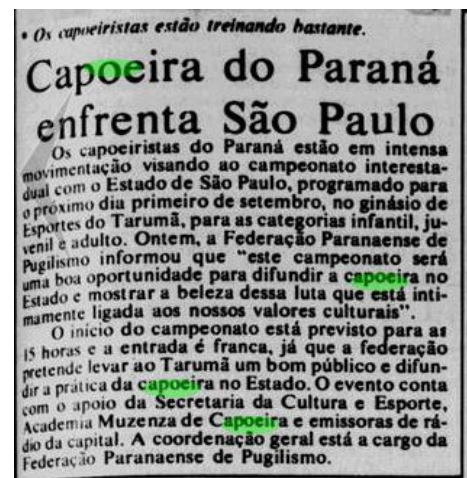


FIGURA 20 – CORREIO DE NOTÍCIAS
EDIÇÃO DE 18/08/1984 – PÁGINA 9

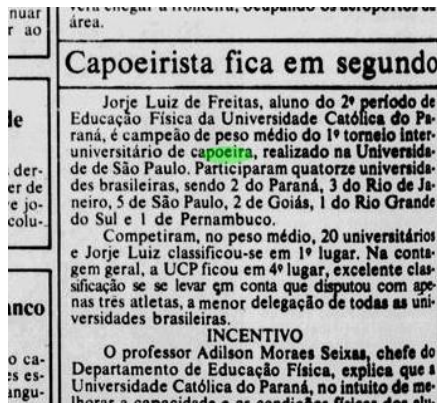


FIGURA 21 - CORREIO DE NOTÍCIAS
EDIÇÃO DE 06/12/1984 – PÁGINA 10

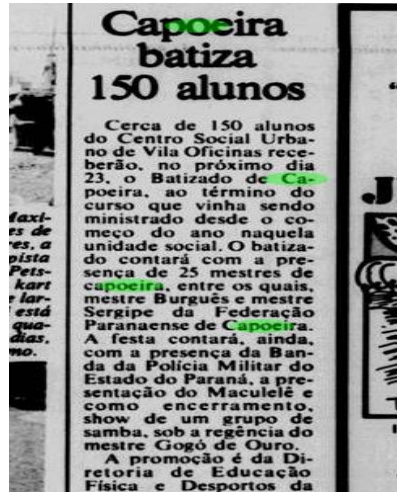


FIGURA 22 – CORREIO DE NOTÍCIAS
EDIÇÃO DE 13/11/1985 – PÁGINA 15

A imagem 22 data de 1985 e está presente na seção de esportes do jornal Correio de Notícias. A reportagem discorre sobre o batizado de 150 alunos de capoeira do Centro Social Urbano Vila Oficinas, contudo, o ponto de análise é quando os mestres Burguês e Sergipe, presentes no evento, são citados como mestres da Federação Paranaense de Capoeira. A partir de 1985 a capoeira paranaense ganha uma federação própria, isto acarretou numa emancipação do capoeira no estado, passo muito importante para autonomia e progresso esportivo da modalidade. A Federação Paranaense de Capoeira foi fundada em 1985 pelo mestre Burguês. PORTO (et, al., 2010). A partir de então, os campeonatos locais são coordenados por esta entidade esportiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma análise sobre as reportagens dos jornais pesquisados, foi necessário realizar um breve histórico o desenvolvimento da capoeira no Brasil e em Curitiba, para que se compreenda em que fase e como se configura a prática dessa atividade na capital paranaense.

A partir do início da década de 1970 chegam em Curitiba os mestres pioneiros, os quais desenvolvem e consolidam um trabalho de capoeira na cidade (PORTO, et al., 2010). É justamente a partir deste período histórico que foi realizada a pesquisa sobre a capoeira.

Ao pesquisarmos os jornais paranaenses das décadas de 1970 e 1980 catalogados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional buscou-se entender qual era o enfoque atribuído pelos jornais sobre a capoeira, em específico a capoeira praticada e exposta na cidade de Curitiba. Foram investigadas todas as ocorrências com o tema “capoeira” com ênfase na pesquisa do folclore e esporte.

Foi dividido o enfoque atribuído à capoeira nas reportagens em tópicos, sendo o mais constante deles, em ambas as décadas, sobre *Cultura/Folclore*, foi este o mais predominante entre todos. O *Esporte* aparece significativamente nas duas décadas. E a partir destas constatações foi feita uma análise principal a cerca destas duas temáticas.

Os periódicos do decênio de 1970 retratam em diversas reportagens sobre a capoeira como nova prática corporal que começa a ganhar espaço na cidade. Primeiramente retrata a vinda de muitos grupos folclóricos de outras regiões como o Nordeste com apresentações na cidade de várias culturas e dentre elas a capoeira que é bem exposta nas matérias impressas.

Nesta mesma década se tem a vinda de capoeiristas que chegam a Curitiba para desenvolverem um trabalho de capoeira e eles começam a realizar rodas nas ruas e praças com o intuito de divulgar esta manifestação cultural. Os jornais expõem estas notícias, retratando a capoeira como um folclore, o qual começa a ser praticado na cidade, embora destaque a dificuldade de aceitação e de adeptos, como os próprios mestres retratavam em entrevistas aos jornais e em entrevistas concedidas a Porto e colaboradores (2010). Outra vertente exposta pelos jornais referente a esta parte cultural/folclórica é a associação da capoeira com o carnaval curitibano.

A década de 1980 continua a retratar, pelos jornais, a capoeira por meio de uma perspectiva folclórica, entretanto a prática desta manifestação brasileira já consolidada em Curitiba, passando a ter muitos shows executados pelos grupos de capoeira e capoeiristas locais. Ainda assim, veicula-se matérias sobre grupos folclóricos nordestinos que na cidade se apresentavam, assim como ocorria na década de 1970.

Todavia, essa predominância já não era mais vista na década posterior. Em relação a questão esportiva a década de 1970 é o período em que o esporte começa a ganhar modulação a nível nacional com a homologação do Conselho Nacional de Desportos em 1972 retratada pelos periódicos paranaenses, e também a nível estadual com a presença da capoeira na Federação Paranaense de Pugilismo.

O decênio de 1980 marca um maior destaque da esfera esportiva nos periódicos. A expressão esportiva ganha visibilidade nas mídias impressas a partir de divulgações de realizações de campeonatos e torneios em Curitiba e fora do Paraná, mas com a presença das equipes paranaenses. Outro fator considerável é a criação da Federação Paranaense de Capoeira, que engrandece a questão esportiva em Curitiba e a nível estadual.

Com este panorama apresentado, através das notícias pesquisadas, foi constatado neste estudo que a predominância de reportagens foi alusiva ao contexto cultural e folclórico da capoeira. A análise do tópico esportivo resultou na percepção da crescente expansão e consolidação do aspecto esportivo da capoeira ao longo das décadas de 1970 e 1980. De qualquer forma, várias outras matérias jornalísticas referentes a outros contextos foram encontradas, sendo possível a indicação de outras pesquisas e estudos aprofundados em analisar o contexto e significações que tais reportagens produzem.

Os jornais em questão retrataram a capoeira de várias formas, entretanto, foi dando ênfase na manifestação cultural e do folclore nacional e nordestino e como uma prática esportiva. A partir da pesquisa destas questões foi compreensível realizar a análise destes periódicos e o modo como refletiram e desejavam expor e compreendiam a capoeira nos períodos em questão.

Outras perspectivas de estudos futuros com delineamento metodológico similar são possíveis, como por exemplo a análise das décadas seguintes, ou ainda, uma comparação entre as mesmas.

Para além de Curitiba e tal qual outra atividade sociocultural similar, a capoeira, arte luta brasileira, patrimônio histórico e imaterial do nosso país segue mobilizando e envolvendo pessoas por todo o globo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. F. C. T. **A Ditadura Militar Brasileira: A Memória e a Construção da História Através da Literatura de Testemunho.** Disponível em: <https://scholarsarchive.byu.edu/etd/2119/>>. Acesso em 02 nov. 2018.

AREIAS, A. das. **O que é capoeira.** 2. ed. São Paulo: Movimento, 1984.

BARBIEIRI, C. **Um jeito brasileiro de aprender a ser.** DEFER/GDF. Centro de Informação e Documentação Sobre a Capoeira (CIDOCA/DF): Brasília, 1993.

Biblioteca Nacional Digital Brasil, disponível em: 16 out. 2018
<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

CABRAL, M. S. **Formalização do ensino do pandeiro brasileiro.** 2010. Monografia-Faculdade de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL. Legislação Informatizada - DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890 - Publicação Original. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 23 out. 2018

CAMPOS, P. H. P. **Empreiteiros e imprensa: a atuação dos empresários da construção pesada juntos aos veículos de comunicação antes e durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1988).** Revista de História (São Paulo), nº 177, São Paulo, Epud 07- Jun- 2018.

CASTELLUCCI, A. A. S. **Salvador dos Operários: uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

CASTRO, E. **Mais de meio século de história a ser contada.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-13/mais-de-meio-seculo-de-historia-a-ser-contada>>. Acesso em 05 nov. 2018.

CASTRO, M. B. de. **Na roda do mundo: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York.** Tese (Doutorado). Departamento de História Social (FFLCH-USP). São Paulo, 2007.

COLUMÁ, J. F.; CHAVES, S. F. **O sagrado no jogo de capoeira.** Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 169-182, maio- 2013.

COLUMÁ, J. F.; CHAVES, S. F.; TRIANI, F. da S. **A CAPOEIRA NO RIO DE JANEIRO: uma investigação do universo simbólico no discurso dos mestres.** Revista Motrivivência UFSC, Florianópolis, v.29, n. esp., p. 110-125, dezembro-2017.

CORDEIRO, A. A. S.; CARVALHO, N.C. **Capoeira, do crime à legalização:** Uma história de resistência da cultura popular. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.2, nº4 jan-jun 2013.

CÔRTE, B. **De olho na mídia.** Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2675/1720>. Acesso em 02 nov. 2018.

FERNANDES, J. C.; MARCHETTE, T.; COSTA, V. A. A. **Processo de Salvamento de um Acervo:** A Coleção de Imagens dos Jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. Disponível em: < <file:///C:/Users/User/Downloads/07.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2018.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa.** 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILHA, E. A. de O. **Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos:** “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/1919-7594-1-PB.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2018.

FILHO, A. H. F. **Desafricanizar as ruas:** elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937). Revista Afro-Ásia. Salvador: CEAO, n. 21-22, 1998/9.

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. A. **HISTÓRIA DA CAPOEIRA.** Revista da Educação Física/UEM. Maringá v. 13, n.2, p.141-150. 2 sem, 2002.

GIMÉNEZ, A. B. W. **As representações anticomunistas na grande imprensa curitibana, 1961-1964.** Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2000/andrea_beatriz_wozniak_gimenez.pdf>. Acesso em 03 nov. 2018.

GUIDES, A. MASCARELLO, M. L. **Entre o vão dos dedos do sistema”** Notas histórico-antropológicas sobre a capoeira no Brasil. Revista Vernáculo UFPR, nº 28, 2º sem/2011.

HEMEROTECA DIGITAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 16 out. 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **DOSSIÊ:** Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Roda de Capoeira**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

LUSSAC, R. M. P. **Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, (São Paulo) 2015 Abr-Jun; 29(2): 267-78.

MARINHO, I. P. **Subsídios para a história da capoeiragem no Brasil**. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.

MELO, P. B. de. **A pauta na capa: a mídia como porta-voz da cultura do medo**. Um estudo sobre a revista Carta Capital. Cadernos de Estudos Sociais-Recife, v. 24, Nº 2, p. 221-235, Jul./Dez, 2008.

NEPOMUCENO, E. B. **Diabos Encarnados carnaval e liberdade nas ruas do Rio de Janeiro (1879-1888)**. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/10214/7994>>. Acesso em 04 nov. 2018.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L.A.P. **Capoeira, identidade e gênero: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil**. Editora: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

OLIVEIRA, V. de. **Frevo, Capoeira e Passo**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

PIRES, A. L. C. S. **A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890 – 1937)**. [Palmas]: NEAB, 2004.

PIRES, A. L. C. S. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura, e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UNICAMP. Campinas, 1996.

PORTO, L. et al.. **Curitiba entra na roda**. Presença(s) e memória(s) da capoeira na capital paranaense. Curitiba: Edição do autor, 2010.

PRIBERAM. Dicionário. <https://dicionario.priberam.org/capoeiragem> Acesso em 23 abr. 2018

REAL, K. **O Folclore no Carnaval de Recife**. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

REGO, W. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968, coleção baiana.

REIS, A. L. T. **Brincando de capoeira**. Cidade: Ed. Abadá, 1997.

SETTE, M. **Maxambombas e Maracatus**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

SILVA, B. E. S. da. **Menino qual é teu mestre?** Capoeira pernambucana e as representações sociais dos seus mestres. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

SILVA, P. C. da C. **Capoeira e educação física – uma história que dá jogo...** Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. Revista brasileira de ciencias do esporte, v.23, n.1, p.131-145, set 2001.

SILVA, V. P. da; SILVA, E. de C. F. da. **Morreu hoje o Correio de Notícias – história de um jornal que teve na política o seu fim**. Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria I - Jornalismo, modalidade JO 11 Livro-reportagem (avulso). Universidade Positivo, Curitiba – PR, 2015.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Unicamp, 2001.

THOMAZ, P. Censura e cobertura jornalística. In: SILVA, Antonio Manoel dos Santos (org.). Experimentalismo e multimídia: o mez da grippe. São Paulo: Arte e Ciência, 2009, p. 97- 130.

VASSALLO, S. P. **Capoeira e intelectuais: a construção coletiva da capoeira “autêntica”**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 32, 2003, p. 106- 124.

VIANNA, A. **Casos e coisas da Bahia. Salvador**: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.